

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

GERALDO MAGELA MARTINS

**RECICLAGEM CRIACIONISTA DO HOMEM PELO VIÉS DOS IMPLÍCITOS DA
SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA E POSSÍVEIS DIÁLOGOS INTERTEXTUAIS DA
DIMENSÃO HUMANA**

Jaguarão/RS

2016

GERALDO MAGELA MARTINS

**RECICLAGEM CRIACIONISTA DO HOMEM PELO VIÉS DOS IMPLÍCITOS DA
SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA E POSSÍVEIS DIÁLOGOS INTERTEXTUAIS DA
DIMENSÃO HUMANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Letras Português-Espanhol e respectivas Literaturas, da Universidade Federal do Pampa, Câmpus Jaguarão.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Denise Aparecida Moser

Jaguarão/RS

2016

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

M379r Martins, Geraldo Magela

RECICLAGEM CRIACIONISTA DO HOMEM PELO VIÉS DOS
IMPLÍCITOS DA SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA E POSSÍVEIS
DIÁLOGOS INTERTEXTUAIS DA DIMENSÃO HUMANA / Geraldo
Magela Martins.

57 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) --
Universidade Federal do Pampa, LETRAS - HABILITAÇÃO
PORTUGUÊS/ESPANHOL E RESPECTIVAS LITERATURAS, 2016.
"Orientação: Denise Aparecida Moser".

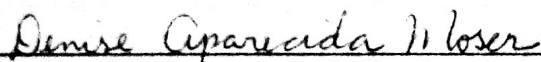
1. Metafísica. 2. Intertextualidade. I. Título.

GERALDO MAGELA MARTINS

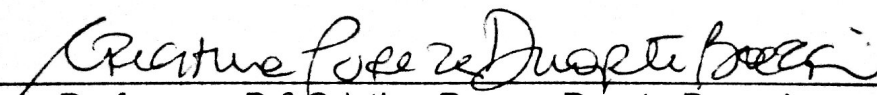
**RECICLAGEM CRIACIONISTA DO HOMEM PELO VIÉS DOS IMPLÍCITOS DA
SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA E POSSÍVEIS DIÁLOGOS INTERTEXTUAIS DA
DIMENSÃO HUMANA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras – Português, Espanhol e respectivas
Literaturas, da Universidade Federal do
Pampa, Câmpus Jaguarão, como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciado
em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 24 de agosto de 2016.
Banca examinadora:



Professora Dr^a. Denise Aparecida Moser
Orientadora
Letras - UNIPAMPA/Câmpus Jaguarão/RS



Professora Dr^a Cristina Pureza Duarte Boessio
Letras - UNIPAMPA/Câmpus Jaguarão/RS



Professor Mestrando Otávio Botelho Rosa
Letras/ UFPEL/RS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus Pai, todo Poderoso, por me abençoar em minha estadia aqui no sul do Brasil, dando-me graça e força na saúde.

Agradeço profundamente ao meu amigo, Regis Tavares, que sem ele eu não estaria aqui por sua assistência em todos os sentidos como filho adotivo.

Agradeço de toda a minha alma a Karina Simas, que me incentivou a fazer o ENEM e que conseqüentemente me trouxe a esta terra distante.

Agradeço à UNIPAMPA, que me acolheu e me ajudou muito nos momentos precários de saúde.

Agradeço aos professores, por terem mediado todo o meu trajeto acadêmico, em especial, à professora Denise Aparecida Moser, que é minha orientadora deste Trabalho de Conclusão de Trabalho, e que com sua angélica paciência me ouvia falar, coisa rara hoje em dia, professores que nos ouvem.

Agradeço ao professor Carlos Rizzon, a que sempre me assistiu a tudo.

Agradeço à professora Leonor Simioni, que até trocou a sala de aula por causa de minha fotofobia.

Agradeço às funcionárias do Restaurante Universitário (RU), às ativas e às que passaram por lá, pois sempre me deram a maior atenção quanto a minha saúde.

Agradeço ao pessoal do NUDE, pelo apoio, em especial, a delicada Potira Gonçalves, pela paciência com meu analfabetismo tecnológico.

Agradeço aos meus filhos, pelo apoio.

Agradeço a minha afilhada Kerolen, que me ajudou, via telefone, nas tarefas que exigiam o uso do computador.

Agradeço, de todo o meu espírito e de toda a minha alma, ao Sr. Radir e toda a família dele, por abrirem as portas da Pousada como minha morada.

Agradeço ao Afonso e à Luciana, pela assistência e amizade.

Agradeço a todos os colegas de classe e de outros cursos, como a Milena Ogawa.

Obrigado a todos e que Deus os abençoe agora e para sempre!

À DERIVA

Quem saberá o que somos na verdade?
Segundos, poeiras, gotas, grãos de areia...
Chama que ao vento um dia se incendeia
E ao apagar-se deixa cinzas de saudade?

Quem saberá se somos sonho ou realidade?
Se somos fantasia de alguma mente alheia,
Se fazemos parte do enredo de uma teia,
Ou se somos só acaso, vidas sem finalidade?

Quem saberá?... Se do saber pouco nos cabe,
Se a esse ser que tudo fez e (por isso) tudo sabe,
Nenhum ser vivo o verá, enquanto viva?...

Se a mesma luz que ilumina á a que cega,
Se toda a fé nos pede sempre a nossa entrega,
Se o tempo é um oceano e nele estamos à deriva?!!

Dez sonetos delirantes
(e um Quixote sem cavalo)

Martin César

“O educando vai conhecendo o ainda desconhecido;
E o educador, reconhecendo o antes sabido.”

Paulo Freire

RESUMO

De onde viemos? O que estamos fazendo aqui? Por que viemos? Para onde iremos? Essas inquietantes indagações nos levam à pergunta que não se cala: Quem somos nós? Por pressuposto, Carl Sagan, um cientista, afirma que somos pó das estrelas; algumas religiões, que somos filhos de Deus; outros, que somos obras do acaso; outros proferem que somos nada. Este presente Trabalho, de Conclusão de Curso, aposta na hipótese de que somos Espírito, Alma e Corpo; uma trindade humana, o homem integral, o homem cósmico, feito a imagem e semelhança do Criador, o Uno, do qual todas as coisas existem e dele procedem. É um trabalho que abrange a ciência linguística, cuja ferramenta propiciou a busca de uma probabilidade do que possa ser o ser humano. É uma pesquisa bibliográfica a qual oportuniza ao homem se (re) inventar, se reciclar, de fazer uma releitura de si mesmo a partir do Criacionismo bíblico pelo viés da Semântica Argumentativa, da Intertextualidade dos Livros Sacros e Teorias Científicas sobre a origem humana, cito a Genética e o Evolucionismo. A introspectiva questão: “Quem somos nós?” é uma eterna busca do homem na compreensão de si mesmo e do universo o qual ele está inserido, cujo ser primordial é ele próprio; o maior agente em todos os aspectos e circunstâncias cósmicas deste universo até então conhecido que, por conseguinte, só se sabe de sua existência como ser vivo racional.

Palavras-chave: Quem somos nós; Semântica Argumentativa; Criacionismo Bíblico.

RESUMEN

¿De dónde venimos? ¿Qué estamos haciendo aquí? ¿Por qué venimos? ¿Dónde vamos a ir? Estas inquietantes indagaciones nos llevan a la pregunta que no quiere callar: ¿quiénes somos? Por supuesto, Carl Sagan, un científico, afirma que somos polvo de estrellas; algunas religiones, que somos hijos de Dios; otros, que somos obras del acaso; otros pronuncian que no somos nada. El presente trabajo de finalización, apuesta en la hipótesis de que somos Espíritu, Alma y Cuerpo; una trinidad humana, todo el hombre, el hombre cósmico, hecho a imagen y semejanza del Creador, Aquel del que existen todas las cosas y que de él proceden. Es un trabajo que abarca la ciencia lingüística, cuya herramienta proporcionó a la búsqueda de una probabilidad de lo que puede ser el ser humano. Es una investigación bibliográfica que permite que un hombre se (re) invente, recicle, haga una relectura de sí mismo desde el creacionismo bíblico por el foco de la Semántica Argumentativa, la intertextualidad de la Sacra y teorías científicas sobre los orígenes humanos, cito la genética y el evolucionismo. La pregunta introspectiva: "¿quiénes somos" es una búsqueda eterna del hombre en la comprensión de sí mismo y el universo en el que se inserta, cuyo ser primordial es él mismo; el mayor agente en todos los aspectos y circunstancias cósmicos de este universo, conocido hasta ahora que, por lo tanto, sólo se sabe de su existencia como ser vivo racional.

Palabras clave: Lo que somos. Semántica argumentativa. Creacionismo bíblico.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REVISÃO TEÓRICA	15
2.1 METAFÍSICA	15
2.2 INTERTEXTUALIDADE	15
2.3 SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA	16
3 METODOLOGIA	19
4 PRÓLOGO DE ANÁLISE DE DADOS	21
4.1 ANÁLISE DE DADOS.....	22
4.1.1 Primeira parte	22
4.1.2 Segunda parte	36
4.1.2.1 Pressuposto e subentendido em um olhar de conjunto textual e Intertextualidade.....	36
4.1.2.2 Introspecção perscrutativa subentendida.....	42
4.1.2.3 Queda do estado divino ou despertar da consciência humana?.....	43
4.1.2.4 Punição ao homem ou autoflagelo?.....	45
4.1.2.5 Degredados filhos de Eva, geração psicossomática.....	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
6 REFERÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) nasceu durante as aulas de Filosofia, ministrada pela professora Dr^a. Jane Schumacher, no primeiro semestre de 2011, no Curso de Letras: Português/Espanhol e respectivas Literaturas, da Unipampa, Câmpus Jaguarão. As discussões entre nós, alunos, eram de ideias heterogêneas, porque estávamos em número de 52 (cinquenta e dois) acadêmicos vindos de várias estados do Brasil e tínhamos conosco outros estudantes da própria região desta Universidade e raramente nossas conversas convergiam ao senso comum, tampouco, ao bom senso. Quando o assunto abrangia a questão da religião, o Ser Humano, a Inclusão Social, Diversidade Sexual, Diversidade Cultural e o Sistema de Cotas e o Racismo, além de acontecerem quiproquós, exacerbadas intolerâncias, anarquizavam as aulas, pois os pensamentos livres ecoavam por liberdade de expressão, porém, não havia respeito mútuo de opiniões. Isso me perturbava porque seríamos futuros formadores de opiniões, especificamente, professores do ensino médio. Refletindo nas néscias elucubrações, uma arguição peremptória inundava meu ser: **quem somos nós**, os quais cada um tem suas verdades irrefutáveis? Com tantas discussões sobre o homem e sua identidade ao longo do Curso, resolvi reciclar este ser tão complexo através de um Trabalho de Conclusão de Curso.

No princípio investiguei o homem através de pesquisa bibliográfica e concluí que somos *phitecus* (macacos) em evolução segundo a Antropologia. Saber que somos macacos evoluídos não me satisfez, por isso, parti para a genética científica e minhas pesquisas, também bibliográficas, me conduziram apenas ao homem físico, ou seja, um ser carnal. Todavia, faltava a alma, que até então era apenas a mente, segundo a própria ciência. Este ser psicossomático: alma (mente) e corpo também não me convenceu. Faltava algo para eu compreender quem somos nós. E isso se deve ao meu conhecimento prévio sobre religião que não confirma a alma como **mente**, e sim um ser incorpóreo que vivifica o corpo. Nenhum desses argumentos me faz compreender quem somos nós; o porquê de os bons irem para o céu e os maus para o inferno me incomoda e ver a maldade se alastrando sobre o mundo me assusta. Tanta violência; imensurável corrupção na política; defraudações na economia; materialismo religioso; insustentável decadência moral; ética; cívica; desmoronamento intelectual; drogas depredadoras da saúde e um

anarquismo nos governos do mundo onde não sabemos quem realmente governa. Sem falar na banalização do sexo e a crescente desordem pública em todos os setores. Eu sempre busquei respostas para elucidar quem somos nós e tanto no meu passado catequético (toda a vida estive na militância da evangelização na igreja Católica), quanto no acadêmico, estudamos as origens das coisas e do homem.

Como origens das coisas¹ compreendo que esta foi sempre uma preocupação central da humanidade que, ao longo de sua existência, percebe o quão é importante descobri-las. Ao observar os astros dos céus e as coisas telúricas, ou seja, da terra, o homem do passado sentiu necessidade de compreendê-las e essas indagações fizeram com que ele se tornasse um ser investigador. Com isso, ao longo dos tempos, as pesquisas tornaram-se ciências, cujos estudos estavam a cargo da Cosmogonia² e da Cosmologia³. Quase todas as civilizações com suas culturas explanaram mítica ou misticamente a origem do universo com tudo o que há nele. **Uno**, o Criador, mais o **Verso**, as coisas criadas, daí a mística de que o **Verso** é a manifestação do **Uno**. Assim, concatenando ideologias da filosofia e ciências, resolvi tentar colaborar com a elucidação de uma possível compreensão de quem somos nós.

O universo pode ser estudado e compreendido de forma racional com os métodos científicos da astronomia, química, biologia etc. Foi nas décadas iniciais do século XX que as ciências prosperaram nas pesquisas e a compreensão das origens, inclusive, o homem, paulatinamente, foi se expandindo em conhecimentos com o avanço das tecnologias.⁴ Elucidar quem é o ser humano, não é tarefa fácil, por ele ser tão complexo. Diante disso, tenho como inquietação em como tratar de responder a este tema embasado em pesquisa bibliográfica. Então, por se tratar de filosofia, recorri à Garrett (2008) e Heidegger (1999) para contemplar a Metafísica e,

¹Termo usado em Metafísica (GARRETT, 2008).

² “Etimologicamente a palavra cosmogonia vem do grego *cosmos*, que significa **mundo**, e *gonia*, que quer dizer **geração, nascimento**. Trata ela do nascimento, o propósito e o fim de todos os seres sob a ação dos deuses. O Dicionário Houaiss dá três definições para o termo, a saber: 1. princípios (religiosos, míticos ou científicos) que se ocupa em explicar a origem, o princípio do universo; 2. conjunto de teorias que propõe uma explicação para o aparecimento e formação do sistema solar; 3. qualquer fundamento teórico que busque explicar a formação das galáxias a partir de um princípio primordial.” (MENDES, 2012).

³ “El origen etimológico de la palabra cosmología es griego, viene de “cosmos” con el significado de orden y “logos”, de tratado, siendo el estudio o tratado sobre el universo, su origen, estructura, leyes que lo rigen, lugar del hombre en el mismo, y destino.” (COSMOLOGIA, 2015).

⁴ Discussão realizada na aula de Filosofia, em 2011/01.

na área da Linguística, Ducrot (1987), Maingueneau (1996), Charaudeau e Maingueneau (2008), com a Semântica Argumentativa que enfoca os explícitos e implícitos textuais. Koch, Bentes e Cavalcante (2007) com a intertextualidade, em cujo corpus serão usados alguns versículos dos livros bíblicos do Antigo e Novo Testamentos.

O objetivo deste trabalho é criar diálogos possíveis introspectivos pelo viés dos implícitos da semântica argumentativa e a intertextualidade bíblica, para reciclar o homem; reciclá-lo em seu valor de **ser** no mundo, sua dimensão existencial, sua utilidade social; reestruturá-lo em seu relacionamento consigo mesmo e com os seus, com o ambiente em que vive. Fazê-lo redescobrir-se como alguém necessário ao planeta através do despertar integral do seu ser, ou seja, um indivíduo consciente de sua holística existencial, isto é, social, por meio da leitura peculiar reflexiva deste trabalho.

A hipótese que tenho é a de que o homem é um ser divino, potencialmente capaz de divinizar o mundo a partir da descoberta e conscientização de sua deidade, isto é, o reto agir consigo mesmo, com o outro, com o mundo animado e inanimado pelo viés da sua tridimensionalidade: **espírito, alma e corpo**. Hipoteticamente, este espírito é o homem em sua essência; o cognominamos de **Adão**, que habita um invólucro plasmático de sua própria natureza, a alma, e a cognominamos de **Eva** e ambos, encarnados em um corpo material: o corpo humano, cognominado por mim de **Jardim de Éden**.

Assim, pretendo, com essa reciclagem humana, oportunizar ao homem uma nova visão de seu próprio Ser, possibilitando o reto agir social, uma vez que os relacionamentos sociais, o fanatismo, o radicalismo, o segregacionismo e as omissões humanitárias, tenham engendrado uma sociedade cada vez mais violenta e desagregada de seus valores éticos. Justificando a necessidade de uma nova visão do homem de si mesmo, acredito que este trabalho seja de uma relevância social para que o cidadão se reconheça não como obra do acaso, mas que está aqui nesse mundo por uma razão existencial, com missão altruísta de tornar aos outros em potencialidades individuais de uma possível junção harmônica que viva em sociedades. Este ideal cabe ao mundo acadêmico, porque ele sim, acredito, deveria ser o maior reciclador de seres humanos por ter acesso ao conhecimento holístico.

Lecionar é reciclar almas, é (re) criar o homem, (re) educá-lo em sua peregrinação existencial por este planeta. Nesse contexto, iniciarei a parte 1

apresentando a revisão bibliográfica, com as bases teóricas da Metafísica, Intertextualidade e Semântica Argumentativa; na parte 2, a metodologia; na parte 3, a análise e discussão dos dados; seguida das considerações finais e referências. Com isso, deixa-se um legado ao leitor de pensar os implícitos da Semântica Argumentativa e a Intertextualidade como projeções da linguagem que promovam o Ser Humano: esta joia que necessita de se redescobrir ou ser lapidada por um alguém desperto de seus valores divinos implícitos e latentes e que queira trabalhar na promoção humana através das letras. Apresento assim a revisão bibliográfica.

2 REVISÃO TEÓRICA

Nesta seção, farei uma breve explanação das teorias com as quais trabalharei.

2.1 METAFÍSICA

O termo Metafísica surgiu quando Andrônico de Rodes editou as obras de Aristóteles no século I, antes de Cristo. Segundo Garret (2008, p.11), Aristóteles fazia distinção entre os livros de física e os de “além da física”, cuja etimologia grega é **meta**=além; **ta**=da; **physika**=física. A esta nomenclatura, o filósofo a cognominou de Filosofia Primeira, que se caracterizava por ser estudo do **ser** enquanto **ser**, porque ao metafísico interessava investigar a realidade das coisas como a gênese (origem), existencialidade, espacialidade, temporalidade, causalidade, objetividade, propriedade etc.

A metafísica é de caráter holístico, todavia ela se ramifica em investigações específicas, tais quais a essência dos seres, a razão existencial de tudo o que existe, as relações e interações do homem num todo. A investigação metafísica se dá a partir do pensamento rigoroso, da análise conceitual, a análise empírica, a lógica, a matemática.

Para Heidegger (1999), o maior legado da metafísica não reside no Pensar e Refletir, mas sim, no que não se Pensa e não se Reflete, todavia sugere a Pensar e o Refletir em tudo o que se Pensa e Reflete. Em sua obra supracitada, segundo o tradutor, também citado, Heidegger revela o esquecimento do Ser, entranhado nas obras históricas do Ocidente com sua tecnocracia, massificação, predomínio totalitário, etc. Assim, a propósito deste trabalho, me ocupo da metafísica em seu sentido do ser, segundo Heidegger (1999), e sua proposta de uma “nova hominização”.

2.2 INTERTEXTUALIDADE

A intertextualidade teve origem no seio da Teoria Literária em 1960 por Julia Kristeva, cujo conceito provém do dialogismo de Bakhtin que alude ao texto como constituído de outro texto (intertexto) numa sucessão de textos escritos ou que ainda

serão escritos. No livro, Intertextualidade: Diálogos Possíveis, Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p. 9) escrevem:

a Linguística textual incorporou o postulado dialógico de Bakhtin (1929), de que um texto (enunciado) não existe nem pode ser avaliado e/ou compreendido isoladamente: ele está sempre em diálogo com outros textos. Assim todo texto revela uma relação radical de seu interior com seu exterior. Dele fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que ele retoma, a que alude ou aos quais se opõe.

A intertextualidade é um fenômeno textual que se detecta com a presença de outro texto naquilo que falamos, isto é, que escrevemos ou naquilo que ouvimos, ou seja, lemos; como afirmam Koch, Bentes e Cavalcante(2007) na contracapa do mesmo livro supracitado. Neste trabalho, inspirado em Bauman (2004), citado ainda no mesmo livro por Koch, Bentes e Cavalcante (2007), encontramos: “toda e qualquer retextualização de um texto prévio implica uma mudança de chave, uma alteração em sua força ilocucionária e em seu efeito perlocucionário, ou seja, no que ele vale e no que ele faz.” (p.17).

A intertextualidade não é única; possui vários tipos com suas peculiaridades. Koch, Bentes e Cavalcante (2007) apresentam várias, como a intertextualidade temática, encontrada nos textos científicos de uma mesma área de conhecimento ou corrente de pensamento e temas com conceitos próprios e terminologias; intertextualidade estilística, isto é, que imitam, repetem, parodia outros estilos; intertextualidade implícita que é a introdução no próprio texto, intertexto alheio, sem qualquer menção explícita a fonte; intertextualidade explícita é a que no próprio texto é feita a menção à fonte do intertexto, ou seja, outro texto ou fragmento é citado, é atribuído a outro enunciador.

2.3 SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA

A Semântica Argumentativa foi criada na França, na École des Hautes Études en Sciences de Paris, por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre, e continuada por aquele e Marion Carel. Ducrot (2006) fundamentou a Semântica Argumentativa baseado no capítulo do livro Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure que trata do valor linguístico (BARBISAN, 2013, p.19).

Ducrot buscou a origem filosófica de valor linguístico na teoria da alteridade apresentada em O Sofista, em que Platão trata das categorias fundamentais

da realidade: o Movimento, o Repouso, o Mesmo e o Ser, às quais é acrescentada uma quinta categoria: o Outro [...], Platão [assim] postula que: “tudo só se especifica quando relacionado com o outro” (BARBISAN, 2013, p.19).

Se Saussure se ocupou com a língua, sem desprezar a fala, Barbisan (2013, p. 20) ao retomar Ducrot (2009)⁵ “[...] leva a noção de valor linguístico para o emprego da língua, mostrando-o em diferentes níveis: na relação entre entidades lexicais, entre enunciados, entre discursos, entre locutor e alocutário.”

Então na perspectiva linguística, os enunciados (postos) são formados por implícitos: os pressupostos e subentendidos. Em seu livro *O Dizer e o Dito*, Ducrot (1987) postula que o pressuposto é um elemento do sentido, ou seja, se transmite da significação para o sentido. Charaudeau e Maingueneau (2008, p.404) ainda afirmam que, na visão de Ducrot (1972a), “a pressuposição é o ato de pressupor, e os pressupostos são *tipos particulares de conteúdos* inscritos nos enunciados.” Suas características predominantemente são:

- já são conhecidos pelo destinatário e formam os postos;
- a negação e a interrogação não interferem neles;
- não podem ser anulados e nem embasar para o encadeamento.

Há diversas divergências entre especialistas em pragmática e linguistas acerca dos pressupostos, mas com um denominador comum: os pressupostos são marcados linguisticamente (ver seção 3, Metodologia para maiores detalhes) (LEVINSON, 1983 apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008).

Quanto aos subentendidos, Ducrot (1987, p.32) os define como:

o subentendido se caracteriza pelo fato de que, sendo observável em certos enunciados de uma frase, não está marcado na frase. Essa situação do subentendido se explica pelo processo interpretativo do qual ele provém.

Maingueneau (1996, p. 89) afirma: “dizer nem sempre é dizer explicitamente, a atividade discursiva entrelaça constantemente o dito e o não dito”. Assim, através dos implícitos, uma vez descobertos, poder-se-ia ir além da linguagem alegórica, simbólica, metafórica, isto é, transcender o sentido literal.

Nesse íterim, sobre os implícitos, Maingueneau (1996, p. 95) escreve:

⁵ DUCROT, Oswald. Prefácio. In: Vogt, Carlos. **O intervalo semântico**. Campinas: Unicamp, 2009.

O julgamento sobre o manejo do implícito é aliás ambíguo. Pode-se nele ver tanto uma recusa da franqueza quanto uma marca de delicadeza, tanto uma falta de vontade de convívio quanto uma extrema vontade de convívio. Como o implícito se define como um jogo entre o dito e o não dito, um jogo de fronteira, é normal que passe sem cessar de um lado para o outro.

Portanto, o pressuposto pode ser um implícito manipulador e o subentendido, um manejo da linguagem os quais, um leitor capacitado, pode reconduzir o texto a uma leitura para seu próprio interesse; para persuadir, ensinar, desencaminhar, extorquir o outro, e mesmo, para uma (re) invenção humana, uma (re) criação de tudo o que existe, inclusive o homem, objeto deste trabalho.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho está alicerçado em Kaplan (1969, p. 25) apud La Rosa (2007, p.26), que postula que a metodologia “representa os princípios filosóficos ou lógicos suficientemente específicos a ponto de poderem estar relacionados com a ciência”. Nesse ínterim, utilizarei especificamente a metafísica, que é um ramo da Filosofia, e assim tratarei da criação humana em contexto bíblico; usarei a intertextualidade para analisar os textos sacros; e os Implícitos da Semântica Argumentativa (DUCROT, 1987), como ferramenta científica dessa análise na possível elucidação do tema: quem somos nós, através de pesquisa bibliográfica.

Uma breve explanação de como utilizarei os argumentos teóricos e os dados será apresentada a seguir.

Para tanto, ocupa-se da reciclagem do homem, utilizando-se vários versículos bíblicos de capítulos de diferentes livros sacros pertinentes ao Criacionismo, pelo viés de possíveis diálogos via intertextualidade e os implícitos textuais, na perspectiva que propiciem, assim, um texto “científico-metafísico” do ser.

A priori, ressalto que a Bíblia (MAGALHÃES, 2008, p. 14),

[...] 1) [...] é interpretada como obra literária, o que implica em lê-la a partir das teorias literárias apropriadas, levando em conta tramas, personagens, estética, densidade narrativa, etc. Obviamente esta abordagem ou se distancia de pressupostos teológicos confessionais, cuja característica central é o uso do texto bíblico para a confirmação de determinadas crenças da religião, ou dialoga com a tradição teológica enquanto tradição hermenêutica, responsável por parte da história da hermenêutica no ocidente. A rejeição ao trabalho teológico ou a inclusão da hermenêutica teológica se dá sempre a partir de teorias literárias específicas, tendo como base a Bíblia como obra literária; 2) A Bíblia é lida em sua pluralidade de narrativas, mas a partir de certa continuidade que existe nas “biografias” de seus personagens, algo importante para boa parte da literatura. Um dos pressupostos é que a Bíblia é rica e plural. Nela não encontramos personagens repetitivos, todos são marcados pela intensidade e pela diversidade de ações. Mas isto não tira certa continuidade, o que faz parte das técnicas narrativas sobre personagens: eles podem oscilar em sua trajetória, mas sempre haverá continuidades; 3) A Bíblia é considerada obra basilar da literatura ocidental, emprestando-lhe temas, técnicas, personagens fortes, tramas sucintas mas cheias de suspense e criatividade, ao contrário de outra obra basilar da literatura ocidental, os textos de Homero, pelo fato deste ser detalhista na descrição das personagens e das ações.

Para atingir a elucidação de “quem somos nós”, analisarei os implícitos: pressuposto e subentendido, a partir dos postos, uma vez que os próprios ditos, ou

seja, os versículos, são os postos. Tendo o **posto**, buscarei o **pressuposto** por razão primeira de entendimento deste, e conseqüentemente, buscarei o **subentendido** como ferramenta interpretativa do posto e a intertextualidade para os diálogos possíveis desta interpretação. Primeiro será exposto o dito, isto é, o posto. Uma vez tendo o posto, buscarei o pressuposto, que é o que vem antes do posto e que está marcado neste, identificados pelos marcadores linguísticos de pressuposição (adjetivos, verbos, certos advérbios e conjunções), e depois o subentendido, que é o não dito, isto é, o que não está marcado no posto.

A análise de dados será dividida em duas partes: na primeira, os postos serão alguns versículos bíblicos que os analisarei, um por um, quando da criação e formação do homem, tanto antigo como do novo testamento. Farei a exposição dos implícitos e explanarei sobre eles de acordo com os teóricos e os concatenarei aos sentidos do posto, recorrendo ao intertexto se necessário. Na segunda parte, os recursos serão os mesmos, todavia, já não será uma análise individual dos postos, mas sim, em um olhar de conjunto dos postos bíblicos também do antigo e novo testamento. Isto se deve para não tornar repetitivo e monótono o trabalho, se bem que, através de uma concatenação dos postos, estes formarão um conjunto intertextual de sentido metafísico a partir dos implícitos elucidados.

O sentido de metafísica neste trabalho é a origem do ser humano sendo revelada. Tanto os textos bíblicos quanto as explicações destes é a metafísica, assim como as interações implícitas da semântica e a intertextualidade, porque tratarei somente do **ser e sua origem**. É com Heidegger ([1953], 1999) e sua concepção do Ser que terminarei este trabalho através de uma síntese conclusiva de quem somos nós. Apresentada a metodologia, farei a análise de dados na seção 3.

4 PRÓLOGO DA ANÁLISE DE DADOS

O homem da narrativa bíblica do livro de Gênesis é o homem espiritual criado imagem e semelhança de Deus. Pode-se perceber que no evangelho de João afirma que Deus é espírito e, assim, o homem criado à sua imagem e semelhança também é espírito. A narrativa de João diz: **“Deus é espírito...”** (João 4, 24, BÍBLIA SAGRADA, 1982). Esta afirmativa foi feita por Jesus, o Cristo, um judeu que se julgava filho de Deus, segundo a narrativa bíblica. Se este Deus é espírito, como seu filho Jesus o diz para uma samaritana em uma passagem bíblica (João 4, 1-42, BÍBLIA SAGRADA 1982), o ser humano é espírito tal qual o seu Criador, o é. Então segundo o versículo citado acima o homem é espírito criado à imagem e semelhança de Deus, o Criador, uma vez que Ele é espírito?

Conforme a escritura bíblica mencionada, sim, ele o é, indiferente ao que o homem julgue ser, já que ele é “semelhança e imagem” dEle. Todavia, os dogmas religiosos salientam que Deus é Deus e o homem é homem; a criatura não é igual ao seu Criador. A catequese cristã afirma que somos feitos à imagem e semelhança de Deus, simplesmente porque está escrito na bíblia, mas não admite que sejamos deuses tal qual a afirmação postulada: “semelhança segundo a imagem do Criador”, e, ainda, se afirmarmos que somos deuses, segundo as escrituras, seremos intitulados de blasfemadores. Por quê?

Se a narrativa bíblica da criação do homem mostra que ele é um ser espiritual, ou seja, essencialmente espírito, foi em Jesus, o judeu, já citado, intitulado Cristo (palavra grega que significa Ungido), que se tem conhecimento de um ser que tenha tomado plena consciência de sua deidade. Essa tomada de consciência, por parte desse judeu, causou a maior diáspora espiritual da história humana. A presença desse filho de Deus, que se julgava feito à imagem e semelhança dele, dividiu a história universal em a.C=antes de Cristo e d.C= depois de Cristo. O confronto desse filho de Deus com seus conterrâneos mudou a história mundial. Ele sofreu toda forma de preconceito por desafiar leis sagradas, quebrar regras sociais, morais, cívicas, etc.

Em suas pregações para o povo teve a “audácia” de dizer que desceu do céu, vejamos: **“E diziam: Não é ele Jesus, filho de José, de quem conhecemos o pai**

e a mãe? Então como ele diz: desci do céu?” (João 6,42, BÍBLIA SAGRADA, 1982). Em outra passagem, este Jesus afirma: “**Eu e Pai somos um.**” **De novo os judeus apanharam pedras para apedrejá-lo. Jesus observou-lhes: ‘Muitas obras vos tenho mostrado da parte de meu Pai. Por qual delas me apedrejais?’ Responderam eles: ‘Por nenhuma obra boa te apedrejam, mas sim pela blasfêmia, pois sendo homem te fazes Deus.’ Jesus replicou: ‘Não está escrito em vossa lei; Eu digo,: sois deuses? Se a Lei chama deuses àqueles a quem se dirigiu a palavra de Deus, e se a Escritura não pode falhar, como dizeis de quem o Pai santificou e enviou ao mundo: Blasfemas! Porque eu disse: ‘Sou filho de Deus’? Se eu não faço as obras do Pai, não acrediteis em mim. Mas se faço, já que não credes em mim, crede nas obras para saberdes que o Pai está em mim e eu no Pai’. De novo procuravam prendê-lo, mas ele se esquivou de suas mãos.** (João 10, 30-39, BÍBLIA SAGRADA, 1982).

Assim, com este prólogo, é necessário salientar que todo o texto deste trabalho o qual analisei, **supostamente**, aconteceu nos céus antes que este homem espiritual viesse a encarnar-se na terra, como veremos. Em nossa perspectiva criacionista, ele vive uma “formatação” de sua trina essência humana: espírito, alma e corpo, ambos em estado etéreo, ou seja, cósmico, *Natura naturata*, “que são os modos e as manifestações da essência divina: o mundo.” (ESPINOSA, 1978, p. 100). **Que isso fique bem claro:** toda a narrativa bíblica deste trabalho se dá em alguma morada nos céus antes que o homem se decaísse e viesse habitar no planeta terra. Passarei, então, a análise dos dados.

4.1 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção, farei a análise e a discussão dos dados, as quais serão apresentadas em duas partes.

4.1.1 Primeira parte

a) Análise 1:

POSTO: E Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e segundo nossa semelhança.” (Gênesis 1, 26, BÍBLIA SAGRADA, 1982)

PRESSUPOSTO: Deus falava com alguém.

Ducrot (1987, p.31) postula que “a frase é uma entidade gramatical abstrata, e o enunciado é uma realização particular da frase. O sentido é o valor semântico do enunciado, a significação, o valor semântico da frase”. Assim, o posto é a frase e busco a significação dela, cujo valor semântico frasal é abstrato, isto é, suas relações interacionais com o enunciado e que conduz ao sentido que é seu valor semântico. Esta complexa explanação pode ser resumida dizendo que frase é a significação e o sentido, o enunciado. Portanto, a frase “**Deus disse...**”, nos dá a entender que Ele falava com alguém, a não ser que estivesse falando, metaforicamente, “às paredes celestiais”, isto é, falando consigo mesmo. Há pessoas que conversam sozinhas, mas no restante do posto encontramos o verbo “**façamos**” que está no plural e um pronome possessivo “**nossa**” em sentido imperativo. O posto (frase) significa, literalmente, uma ordem a ser executada. Todavia, em termos do enunciado, ou seja, o sentido é que Deus faz um convite a alguém criar o homem junto com Ele e não somente criá-los, mas dar-lhes imagem e semelhança tais quais as deles, os criadores; seria estes homens criados tipo “fac símile”

SUBENTENDIDO: o homem é Deus.

Quanto ao subentendido, podemos idealizar que os anjos estavam com o Senhor e o ajudaram na criação do homem. Esta idealização caracteriza o subentendido, como diz Ducrot (1987, p. 32) “o subentendido se caracteriza pelo fato de que, sendo observável em certos enunciados de uma frase, não está marcado na frase. Essa situação do subentendido se explica pelo processo interpretativo do qual ele provém.” É a pluralidade do verbo e do pronome possessivo que dá a entender de que o Criador estava com outros seres. O homem foi criado à imagem e semelhança deles. São outros textos que nos dão entendimento que estes seres junto de Deus são seres divinos:

INTERTEXTUALIDADE: “5 Pois a quem dentre os anjos disse Deus alguma vez: tu és meu filho [...]; “6 Adorem-no todos os anjos de Deus; “7 E referindo-se aos anjos diz: Ele (Deus) faz de seus anjos vendavais e de seus ministros, chamados de fogo”; “Porventura não são todos anjos espíritos servidores, enviados para servir aos que devem herdar a salvação?”(Hebreus 1, 5-7;14, BÍBLIA SAGRADA 1982) “Eis a importância da intertextualidade a qual Pêucheux (1969) apud Koch, Bentes e Cavalcante, (2007, p.14) postula: “(...) Deste modo, dado discurso envia a outro,

frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ele ‘orquestra’ os termos principais, ou cujos argumentos destrói. Assim é que o processo discursivo não tem, de direito, um início: o discurso se estabelece sempre sobre um discurso prévio.” Esta perspectiva teórica da Análise do Discurso contribui em cientificar nosso trabalho nesta reconstrução humana. O subentendido são condições de possibilidades do sentido da enunciação, segundo Ducrot (1987, p. 32) que afirma também que ele, o subentendido “pertence ao sentido sem estar antecipado ou prefigurado na significação.” Assim, ainda em Ducrot, conclama que “o pressuposto se transmite sempre da significação para o sentido” e em nossa análise, a pluralidade do verbo e do pronome no versículo 26 é a **significação** e que essa pressuposta pluralidade de seres, criaram o homem cujo subentendido denota um **sentido** enunciativo de que se tratam de Deus e os seus anjos como os criadores pressupostos.

Encerro este versículo da análise de dados, citando Kristeva (apud KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007, p. 16) que afirma “a intertextualidade como fenômeno textual que se detecta com a presença de outros textos naquilo que falamos.” Temos então: “27 Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou, macho e fêmea ele os criou.” (Gênesis 1, 27, BÍBLIA SAGRADA, 1982).

Por conhecimento prévio, se averiguarmos nos dois versículos, no hebraico, língua original o qual o livro de Gênesis foi escrito, a palavra usada foi *Elohin*, plural de *El*. Assim, segundo Silva (2002), *El* é Deus e *Elohin*, Deuses, porém, as religiões que acreditam no criacionismo, não assumiram a pluralidade da palavra e a conceituam de Deus.

Não é objetivo deste trabalho entrar neste detalhe exegético; fica apenas a observação de que o homem criado é espírito, tal qual é espírito, o seu Criador. Filho de peixe, peixe é; filho bovino, bovino é. Deus é *El* e com ele há os *Elohin* e são criadores. A narrativa revela que o homem é imagem e semelhança deste *El* e dos *Elohin*. Então, o homem é um ser eloístico (de origem *Elohin*). Assim, intertextualmente ainda acrescento: “5 O que é o homem, para que te lembres dele, o ser humano, para que com ele te ocupes? 6 Tu o fizeste um pouco inferior a um ser divino, tu o coroaste de glória e esplendor; (Salmos 8, 5-6, BÍBLIA SAGRADA, 1982) e “6... Quem é o homem para dele te lembrares ou o filho do homem para o levares em consideração? 7 Tu o fizeste um pouco menor do que os anjos.” (Hebreus 2, 6-7. BÍBLIA SAGRADA, 1982). De acordo com estes intertextos, os seres que estavam

com Deus eram os anjos, isto é, *elohins* e estes são um pouco diferentes dos homens, mas ainda, a humanidade é imagem e semelhança de Deus.

A espécie humana é um ser divino. Afirmando isso com a autoridade da postulação de Bakhtin (1986, p. 162) que afirma que um texto só ganha vida em contato com outro texto e ambos no mesmo contexto. É plausível observar que falo de personalidades divinas. Quanto à criação do homem, encerro com o versículo: “1 Quando Deus criou o homem, o fez à semelhança de Deus. 2 Criou-os homem e mulher e os abençoou. E ao criá-los, Deus os chamou “homem”. (Gênesis 5, 1-2, BÍBLIA SAGRADA, 1982). Como afirma Kristeva (1974, p. 60) “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro texto”. É assim ao longo deste trabalho: escrever um mosaico textual de uma (re) criação humana.

A palavra homem vem de *Adam*, no hebraico, e é plural e esta criação pluralizada, homens e mulheres, segundo a versão bíblica, deixa o livro contraditório quando este narra a criação da mulher. Passa-se a análise:

O capítulo se encerra com o sexto dia com a criação do homem, ápice de todas as criaturas de Deus (Gênesis 1,31, BÍBLIA SAGRADA, 1982). Todavia, quem somos nós? Somos da mesma linhagem desse Jesus revelado no prólogo deste trabalho? Foi isso que ele veio nos falar e não demos respaldos aos seus ensinamentos? Nossa investigação vai se complicando ao buscarmos resposta elucidativa sobre quem somos. Não basta ficarmos apenas na metafísica, mas também buscar caminhos nas outras disciplinas da esfera científica.

b) Análise 2

POSTO: “Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra, soprou-lhe nas narinas o sopro da vida e o homem se tornou ser vivo.” (Gênesis 2, 7, BÍBLIA SAGRADA, 1982).

PRESSUPOSTO: Não criou Deus o homem de outra substância, senão, do pó da terra. Foi criado o homem do pó da terra? Segundo a ciência antropológica, o homem veio de uma metáfora “sopa” de aminoácidos nas eras primordiais do planeta, quando tudo começou, precisamente na sexta era, a cenozoica. Será o ser humano obra do acaso cósmico? É a humanidade uma criação natural que evoluiu

paulatinamente? Todo o ser humano sabe que o homem vem de uma fecundação do óvulo feminino por um espermatozoide masculino.

Segundo a ciência genética, o homem é o resultado dessa fecundação do óvulo feminino pelo espermatozoide masculino, que através de sucessivas multiplicações celulares dá origem a outro ser vivo da mesma espécie. Ora, o que se pode notar que são dois corpos que se unem e através de suas sementes germinativas geram outro corpo. É o ser humano um produto da fecundação das “sementes” humanas ao longo dos anos? Somos filhos dos nossos pais; e estes são filhos dos pais deles, e aqueles são nossos avós e assim vamos descendo a árvore genealógica e chegamos aos animais pluricelulares da tal sopa amniótica? E Adão e Eva, os pais da espécie humana, segundo o Criacionismo? Seriam Adão e Eva os macacos dos quais evoluímos? Mesclei a ciência antropológica com a ciência genética e a bíblia (por viés filosófico) em um parágrafo textual metafísico. Tudo correria bem, mas o pó do qual o homem foi criado, segundo o posto, desarticula, dir-se-ia, meu texto “elucidativo.” Como poderia vir o homem do pó se a antropologia fala de uma “sopa de aminoácidos” ou vir do pó se a genética afirma que procedemos da fertilização do óvulo feminino por um espermatozoide? Ao menos algo em comum pode-se observar nas duas hipóteses: ambas podem nos levar ao casal primordial, Adão e Eva.

Como este trabalho (re) cria o homem, através dos implícitos da semântica argumentativa, Maingueneau (1996) afirma que os pressupostos são pré-construídos, ou seja, construído anteriormente ao enunciado. No versículo da análise que investigamos, pré-concebemos que o homem não foi feito de outra matéria senão do pó, segundo a própria asserção, isto é, a afirmativa. Qualquer interlocutor ao ler o posto, saberá que não foi feito o homem de outra matéria, pois o enunciado é enfático, e supostamente admitido por qualquer outro interlocutor.

Maingueneau (1996, p.94) postula que “o dizer é algo completamente diferente de uma simples transmissão de informação; compromete a responsabilidade daquele que fala.” Assim o recurso ao implícito não é defesa a favor do enunciado, mas confirmação ou negação deste em prol de seu entendimento. Para o religioso, o homem é feito do pó mesmo que as ciências provem ao contrário.

Em síntese do pressuposto: seria primeiro a sopa, depois os aminoácidos que se tornam em seres humanos, no caso, Adão e Eva e das relações sexuais destes

proveio as fecundações de óvulos que geraram a humanidade? Prefiro ficar com a narrativa bíblica para este trabalho.

SUBENTENDIDO: O homem foi feito um “boneco” de barro que ganhou vida.

É de conhecimento de todos humanos que não somos feito do pó da terra e este pó supõe-se o solo o qual pisamos, porém, é mister que todos nós ouvimos dizer que viemos de uma evolução a partir do macaco e sabemos cientificamente e por praticidade que somos descendentes genéticos dos nossos pais. O primeiro discurso é religioso, o segundo teoria científica darwinista e o terceiro científico. Voltemos à ideia de um boneco de barro e não do pó da terra. Maingueneau (1996, p. 94) ressalta que “o subentendido é uma atividade complexa que supõe um grande domínio da linguagem, o convite feito ao leitor ou ao espectador para resolver pequenos enigmas, preencher ele mesmo as falhas do enunciado.”

Este recurso de subentendido faz com que a própria bíblia receba acréscimos para justificar este boneco de barro. A versão bíblica que usei não trata de água nenhuma da qual Deus pudesse fazer um boneco de barro e lhe insuflar nas narinas o sopro de vida. Outras versões já trazem que um vapor subia do solo e irrigava a terra. Na Torah, bíblia dos judeus, ou seja, no escrito original, fala também de um vapor que subia da terra o qual sugere a formação do homem do barro da terra.

Este recurso do subentendido é comentado por Maingueneau (1996, p. 105) que “os subentendidos não são passíveis de predição fora do contexto; de acordo com os contextos, a mesma frase poderá liberar subentendidos totalmente diferentes.” Se a versão da bíblia que usamos não diz sobre água ou vapor para a construção do boneco, foi um recurso contextual que não prejudica a frase, isto é, o versículo, ou seja, o posto. Assim, ainda Maingueneau (1996, p. 105) postula que “pressupostos e subentendidos permitem que os locutores digam sem dizer, adiantem um conteúdo sem assumir completamente sua responsabilidade. No caso do pressuposto, existe um recuamento desse conteúdo; no subentendido, trata-se antes de uma espécie de adivinhação colocada ao co-enunciador.” Portanto, o pressuposto assinalado neste versículo conduz o leitor deste trabalho a meditar de que matéria somos feitos: pó da terra (religião) microrganismo da sopa amniótica (evolucionismo), genes do homem e da mulher (genética humana) ou outro?

Como supracitado, que o subentendido pode liberar outros entendimentos dentro do mesmo contexto, assim, podemos subentender este “homem feito do pó da terra” cientificamente através da teoria de Carl Sagan (1934-1996) que afirma: “o

homem é pó das estrelas.” (GIRARDI, 2007, s.p.). Segundo o físico, todos os elementos químicos encontrados no universo estão no ser humano, ou seja, somos constituídos dos elementos químicos que geraram o universo (GIRARDI, 2007, s.p.). Quando nosso corpo morre, ele se decompõe e restam apenas os elementos químicos. Somos pó do universo, segundo o cientista, e a terra descrita no versículo, não é a do planeta terra e sim, esta terra, a matéria (átomos) da qual formou ao ser humano e todo o universo. Todavia, se o homem criado é espírito, imagem e semelhança de Deus, esta “formação” no versículo trata-se da formação de um corpo etéreo feito do pó estelar (universo) e o homem criado espírito é insuflado por Deus neste corpo etéreo.

Ducrot (1987, p. 32) entende que o “subentendido se explica pelo processo interpretativo do qual ele provém”. Então, neste íterim, entendo que depois do corpo formado dos elementos químicos, o pó dos astros, o barro da terra, Deus lhe soprou nas narinas o fôlego da vida, isto é, o homem criado **espírito** foi insuflado no corpo etéreo, astral, feitos dos elementos químicos. Este ser espiritual é o Adão.

INTERTEXTUALIDADE: A idealização deste Adão espiritual provém dos intertextos bíblicos. Sendo o homem imagem e semelhança de Deus, concluo: “Deus é espírito.” (João 4, 24, BÍBLIA SAGRADA, 1982); “[...] Quem nasce do espírito é espírito.” (João 3, 6, BÍBLIA SAGRADA, 1982). Este homem formado é espírito tal qual seu criador porque dele é expirado e insuflado em um corpo material, os elementos químicos. Deus é luz (energia) e o homem é luz (energia) insuflada (condensada), isto é, o sopro espírito se materializou.

De acordo com Verón (1980, p. 82), a análise semiológica só pode prosseguir por comparações de conteúdos textuais, uma vez que o texto não tem propriedade em si mesmo e que lhe dá como característica o que o diferencia de outro texto. Em minha análise semiológica da (re) criação do homem através dos textos bíblicos por viés intertextual, consolido o homem adâmico aprofundando que é preciso ressaltar que a narração da criação do homem no capítulo um, versículos 26 a 31, é a do mundo idealizado, organizado pela onisciência divina que sua onipotência executará segundo a onipresença eloísta. Este homem não é ainda a raça humana.

A palavra Adão vem de *adamah*, que no hebraico significa feito da terra. (ADÃO, 2015). A esta terra, entende-se a matéria estelar. Este homem é potencialmente apto para viver na terra (matéria), isto é, em qualquer astro do universo por ser espírito, e é claro, em cada astro provavelmente ele terá um corpo

peculiar destes astros. As palavras imperativas da narração são a ideia da real capacidade deste homem de habitar mundos e que, no caso deste trabalho, falo do homem telúrico, ou seja, do planeta Terra, a qual ele subjugará.

Portanto, se somos este pó das estrelas, do universo, ele é essencialmente espírito, ou seja, energia, (do grego *en*= dentro, *ergon*= força), isto é, força em si mesma. Estes espíritos podem habitar mundos diferentes por serem espíritos. Somos espíritos essencialmente! Somos Adão. (BÍBLIA SAGRADA, 1982). Todavia e a alma? Quando é que ela surge? A alma morre com o corpo ou será que vai para algum lugar depois de tal morte corporal? Será que ela existe?

c) Análise 3

POSTO: “E o Senhor Deus disse: Não é bom que o homem esteja só. Vou lhe fazer uma auxiliar que lhe corresponda.” (Gênesis 2, 18, BÍBLIA SAGRADA, 1982).

PRESSUPOSTO: Era um mal o homem ficar só.

Segundo Maingueneau (1996, p.99), os verbos subjetivos implicam um julgamento de valor e aqui no versículo, o verbo de ligação faz um julgamento de valor referente à pressuposta solidão do homem e que retrata um negativo juízo. É óbvio que a bíblia não foi escrita escatologicamente em relação á criação do homem. Por certo, vimos na análise de versículos anteriores que não há nas narrativas um tempo diacrônico dos fatos. Se Deus tinha criado macho e fêmea o homem (Gênesis 1,27, BÍBLIA SAGRADA, 1982), neste versículo 18 do capítulo dois, a mulher ainda não existe. E o juízo de que “não é bom” o homem estar só, pressupõe-se que este estava deprimido ou se encontrava num estado que “preocupava” o Senhor.

SUBENTENDIDO: A mulher é necessária ao homem.

Os implícitos não têm, frequentemente, marcas claras no enunciado, mas podem ser identificados graças a fatores contextuais. A solidão do homem e o juízo de valor dada a essa solidão pode fazer com que o leitor entenda a criação de uma companheira, seja absolutamente, necessária a este homem. A intervenção de saberes prévios, seja de particularidade ou geral, no enunciado, é que gera os implícitos e com estes, possíveis diálogos interpretativos: “não é bom que o homem esteja só” sugere uma urgente tomada de atitude em prol de extinguir essa solidão.

INTERTEXTUALIDADE: Para uma compreensão da concatenação dos versículos que formam o texto deste trabalho, uso a intertextualidade como mediadora. De acordo com Smith (1989, p. 104): “Sempre que os leitores deixam de extrair sentido daquilo que recebem para ler, porque o material não possui relevância para o conhecimento anterior que podem possuir, a leitura torna-se mais difícil e o aprendizado da leitura impossível.” Assim, faz-se necessário os intertextos, como também afirma Verón (1980): “o princípio da intertextualidade aplica-se também entre domínios discursivos diferentes”. Assim, vejamos: “[...] não havia para o homem uma auxiliar que lhe correspondesse.” (Gênesis 2, 20, BÍBLIA SAGRADA, 1982). Era preciso arrumar uma companheira para o homem que fosse idônea ele. Esta narrativa é do capítulo dois de Gênesis e aqui é o homem formado e do qual se formará sua mulher. É preciso entender isso. As narrativas do capítulo um e dois são distintas. No um é o homem criado macho e fêmea (espírito) e no dois é o homem formado do pó e do qual surgirá sua mulher de sua costela (substância).

d) Análise 4

POSTO: 21 “Então o Senhor Deus fez cair um sono profundo sobre o homem e ele adormeceu. Tirou-lhe uma das costelas e fechou o lugar com carne. **22**Depois da costela tirada do homem, o Senhor Deus formou a mulher e a apresentou ao homem.”(Gênesis , 21-22, BÍBLIA SAGRADA, 1982).

PRESSUPOSTO: Deus anestesiou o homem.

Segundo Ducrot (1972a) apud Charaudeau e Mainguenu (2008, p. 404), o pressuposto tem como característica a realidade suposta conhecida pelo destinatário. Este sono foi uma anestesia, já que uma costela seria tirada do homem, assim enxerga o leitor. Ele pressupõe um sono anestésico porque já sabe de antemão que não existia anestesia no passado. O pressuposto é uma intervenção dos saberes prévios do leitor.

SUBENTENDIDO: O homem foi bifurcado.

De acordo com Ducrot (1972a) apud Charaudeau e Mainguenu (2008, p. 404), o subentendido atua em circunstâncias enunciativas particulares. Como que esse homem criado é espírito, esse sono seguido de uma “cirurgia” foi uma bifurcação do próprio espírito operado pelo Criador e a costela, matéria retirada, é moldada em um ser um pouco mais densa do que o espírito (não se esqueça de que

o homem é espírito). Dessa matéria foi engendrada a mulher, e essa mulher, em meu trabalho de (re) criar o homem, é a alma humana. O ser humano agora é um ser bidimensional: espírito e alma. As ciências provam que a alma existe? Será ela a mente? Farei uma pequena sondagem sobre como a ciência aborda a questão **alma** para a elucidação de minha proposta no contexto subentendido:

“Henry P. Stapp, físico teórico da Universidade da Califórnia-Berkeley e que trabalhou com alguns fundadores da mecânica quântica, [enfoca que] a existência da alma se encaixa dentro das leis da física.” (MACISAAC, 2014, s.p.). Ele afirma também que não é verdadeiro que “[...] a crença na existência da alma não é científico.” (MACISAAC, 2014, s.p.). Segundo o cientista, ele não quer provar a existência da alma, mas “[...] em seu artigo intitulado “Compatibility of contemporary Physical Theory With Personality survival” Compatibilidade da Teoria Física Moderna com a Sobrevivência da Psique)” [postula]: ““ Tenho ressalvas quanto a negar a vida pós-morte somente com base na alegação de que é algo incompatível com as leis da física, de que é algo sem fundamento”. (MACISAAC, 2014, s.p.).

Além disso, é imperativo para a manutenção da moralidade humana considerar as pessoas como mais do que apenas máquinas de carne e osso.

Em outro artigo, intitulado “Attention, Intention, and Will in Quantum Physics [A Atenção, Intenção e Vontade na Física Quântica]”, Stapp escreveu: “Tornou-se agora amplamente aceita pelo público em geral essa visão “científica” segundo a qual o ser humano é basicamente uma máquina, um robô, e isso tem um significativo e corrosivo impacto sobre o tecido moral da sociedade.” Stapp escreveu sobre a “tendência crescente de as pessoas se eximirem da responsabilidade por seus atos argumentando que “a culpa não é minha”, mas de um processo mecânico dentro de mim: “meus genes me fez fazer isso ” ou “meu alto teor de açúcar no sangue me fez fazer isso”. Lembre-se da infame “Defesa no caso Twinkie ” que livrou Dan White de cinco anos de cadeia mesmo tendo assassinado o prefeito de São Francisco, George Moscone, e o Supervisor de Harvey Milk (JOURNAL EPOCH TIMES, 2014, s.p. apud MACISAAC, 2014, s.p.).

Nesse ínterim científico, proponho em minha (re) criação humana que o homem é um ser constituído de espírito e alma. Quem me capacita a fazê-lo são Charaudeau e Mainguenu (2008, p 271) que postula: “O trabalho interpretativo consiste, pois, em combinar as informações extraídas do enunciado com certos dados contextuais, graças à intervenção das regras da lógica natural e das máximas conversacionais, para construir uma representação semântico-pragmática coerente e verossímil do enunciado.” Portanto, combino dados científicos com interpretação

semântica a qual (re) crio o homem através dos implícitos que se tornam em uma inesgotável fonte de recursos comunicativos.

Como afirma Charaudeau e Mainguenu (2008, p. 272), “os subentendidos lhe permitem uma apreensão mais fina dos mecanismos interpretativos, demonstrando o caráter vago dos conteúdos semântico-pragmáticos, gradual de sua atualização e aleatório de sua extração”. Quero dizer que com esta postulação de Charaudeau, podemos, através do subentendido, sair do sentido literal do texto e (re) imaginá-lo, recriá-lo, reinterpretá-lo, reciclá-lo, para um fim comunicativo de novas ideias, novos sentidos.

e) Análise 5

POSTO: “E o homem exclamou: “Destas vez sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Chamar-se-á mulher, porque foi tirada do homem”. (Gênesis 2, 23, BÍBLIA SAGRADA, 1982).

PRESSUPOSTO: Outro ser foi apresentado antes ao homem.

Segundo Ducrot (1972) apud Charaudeau (2008, p. 271), o pressuposto sempre está descrito no enunciado. Neste versículo, o pressuposto está marcado no enunciado: “desta vez sim”; esta marcação pressupõe que companheiras diferentes foram apresentadas ao homem outras vezes.

SUBENTENDIDO: Foi apresentado ao homem um ser semelhante a ele.

Em circunstâncias enunciativas, o pressuposto e o subentendido sempre se opõem, mas há casos particulares que o pressuposto e o subentendido apresentam um aspecto que dá informação ao leitor competente da língua e mesmo ao semialfabetizado. Neste caso, o posto mostra possíveis apresentações de uma companheira ao homem; no subentendido não só se reconhece isso, mas há uma particularidade que mostra que estas possíveis companheiras foram rejeitadas por não serem semelhantes ao homem e que, desta vez, um ser semelhante a ele lhe foi apresentada; por sinal, tamanha é a semelhança que ele a reconheceu como “alma gêmea”, isto é, alguém retirado de sua substância do qual ele a chamou de Ischa (mulher em hebraico), ele que é Ish (homem em hebraico). Assim confirmo esta verdade com um intertexto:

INTERTEXTUALIDADE: “Fostes Tu que quem criou Adão, e para ele criaste Eva, sua mulher, para servir-lhe de auxílio e apoio. [...] Tu mesmo disseste: não é

bom que o homem esteja só; façamos-lhe uma auxiliar semelhante a ele.” (Tobias 8,6, BÍBLIA SAGRADA 1982). Também: “E o homem deu nomes a todos os animais domésticos, às aves do céu e a todos os animais selvagens. Mas entre todos eles não havia para o homem uma auxiliar que lhe correspondesse.” (Gênesis 2, 20, BÍBLIA SAGRADA 1982). Através da intertextualidade, juntei versículos que servem de apoio que deem coesão e coerência textual para possíveis diálogos interpretativos de uma nova imagem do complexo ser humano. Como afirma Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p.31): “[...] a “descoberta” dos intertextos torna-se crucial para a construção do sentido”. Portanto, seguindo esta postulação de Koch, Bentes e Cavalcante (2007) por se tratar de dois seres espirituais, o enunciado pode ser entendido assim: **“osso de meus ossos”** como **essência de minha essência** e **“ carne de minha carne”** em **existência de minhas existências**”. O homem que é essencialmente espírito tem a alma como companheira em suas existências. Essência e excelência existencial do Ser.

f) Análise 6

POSTO: “Por isso, deixará o homem o pai e mãe e se unirá à sua mulher, e se tornarão uma só carne.” (Gênesis 3, 24, BÍBLIA SAGRADA, 1982).

PRESSUPOSTO: O homem vivia com os pais.

O pressuposto nos remete a uma polidez do posto, segundo Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 24), a polidez, isto é, interação, intervém que o homem deverá deixar pai e mãe e unir-se à sua mulher. Esta interação polida deve-se a frase imperativa cujo sentido pressupõe que o homem vivia com os pais e separado de sua mulher, o ser semelhante a ele, e que a ela, ele deveria unir-se a partir daquele instante.

SUBENTENDIDO: Instituição do casamento.

“[...] A compreensão global de um enunciado inclui a de seus pressupostos e de seus subentendidos e de outras implicaturas” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 272). Com esta afirmativa, reforço a necessidade do intertexto para possíveis interpretações ou compreensão de um enunciado. Este **“Por isso”** faz uma enorme diferenciação quando se busca o subentendido, pois há de se perguntar: por isso o quê? “Por isso” é uma conclusão, mas conclusão de quê? Este “por isso” pressupõe que há um motivo anterior. Então um pressuposto é sempre o

conhecimento prévio. Neste caso, o conhecimento prévio é de que o homem vivia com os pais, segundo o pressuposto. Ao buscar o subentendido, o leitor compreenderá o “por isso” e entenderá o “deixará o homem pai e mãe para juntar-se à sua mulher”. Observa-se que o enunciado pode ter o sentido de uma ordem ao homem ou uma conclusão irrefutável de que o homem necessita deixar os pais e unir-se à sua mulher. Então penso esta união do homem com a mulher ser a instituição do casamento promulgado pelas religiões e leis civis e ou uma união estável regulamentada por lei ou não. E assim, ainda é conhecimento prévio acerca de uniões de homens e mulheres.

Em meu trabalho de (re) criação do homem, o posto equaliza-se filosoficamente na metafísica: Por isso deixará o homem o Pai (o Criador) e mãe (sua natureza unigênita do pai) e se unirá à sua (e não a uma) mulher (alma) e se tornarão uma só carne (corpo). Eis aí a tridimensionalidade humana: espírito, alma e corpo. Três seres em uma só unidade. O homem cósmico, integral, ideal.

Como um dos objetivos deste trabalho é reciclar os valores do homem, cabe dizer que a união homossexual é considerada perversão aos valores morais da sociedade, devido que esta união predita no livro sacro ser pertinente aos bons costumes e leis religiosas da sociedade ao longo dos séculos. A liberdade para uniões homoafetivas acaba por ir de encontro aos costumes milenares sociais. Quebrar esta barreira é uma tarefa árdua e sempre será. Os homo afetivos acusarão a sociedade de preconceituosa sem notar que eles são preconceituosos com a não aceitação social. É uma cobra que possui uma cabeça em uma ponta do rabo e outra cabeça na outra ponta e que se enrosca em si mesma e se mordem por pensarem diferentes.

Que um dia o diálogo vença. Tanto a união hétero quanto a homossexual existem desde que o homem surgiu na Terra. A primeira é legalizada por lei, a segunda é discutida pelos poderes legislativo, executivo e judiciário e a lei de Deus? **“Aí cada um receberá segundo o que houver praticado pelo corpo, bem ou mal.”** (2 Coríntios 5, 10, BÍBLIA SAGRADA, 1982). Por isso, que busque o homem viver em harmonia uns com os outros sem juízo de valores, depreciações, preconceitos, julgamentos, segregações. As leis de Deus são leis espirituais, imutáveis, cósmicas, que regem o universo e daremos contas de nossas atitudes, não em um tribunal celeste, mas herdando mundos superiores ou inferiores em existências múltiplas até que nos divinizemos.

POSTO: “Ambos estavam nus, o homem e sua mulher, mas não se envergonhavam.” (Gênesis 2, 25, BÍBLIA SAGRADA, 1982).

PRESSUPOSTO: Não existia censura entre o homem e a mulher.

Segundo Ducrot (1984) apud Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 405), o pressuposto tem sempre um marcador no enunciado e assim é conferido a ele uma relativa independência em relação ao contexto. “... mas não se envergonhavam” neste pressuposto, pressupõe-se que a vergonha existia, todavia, o “**mas**” no posto nos revela que o homem e a mulher não se censuravam, ou seja, sabiam que estavam nus, mas não faziam juízo de valor da nudez. Esta censura é uma independência do contexto porque, de praxe, o pressuposto seria que “ambos não estavam vestidos.” Como se censurariam se não conheciam nudez?

SUBENTENDIDO: O homem e a mulher viviam em estado de inocência.

Se o pressuposto tem marcador, o subentendido não o tem. A natureza do enunciado sugere que o homem e a mulher não se envergonhavam de sua nudez porque a ignoravam, não por arbitrariedade, mas por não conhecê-la. A diferente genitália não lhes conferia atração alguma e viviam uma “inocência”. Sim, a inocência também é um juízo de valor humano e no que tange ao Adão e Eva, é um não conhecimento do nu. Não tinham consciência de suas diferentes genitálias e de nudez e, assim, conseqüentemente de sua nudez. Eram como as crianças de **antigamente**, pois as atuais vivem em um mundo globalizado de informações “precoces” sobre sexo e tenebrosamente analfabetas de sexualidade. Não há espaço para tratarmos deste assunto (sexo e sexualidade) e fugiria do objetivo do trabalho.

O espírito e a alma, isto é, Adão e Eva, andavam integrados com o todo. Essa nudez não é a ausência de vestimenta e tampouco a decência moral e ética telúrica; não é a nudez corpórea; eles não conheciam natureza alguma senão a cósmica, univérsica; “e não sentiam vergonha”, isto é, não tinham consciência disso, simplesmente “eram” espirituais e prontos para viverem em mundos deste universo incomensurável, com sua pluralidade de forma de vidas alienígenas e terrestres!

Se tudo era perfeito, o que deu errado com o homem dos primórdios? Quanto mais o tempo passa, parece que o homem se torna mais violento e totalmente indiferente à sua “divindade!” Fracassou o seu Criador? Quem somos nós: anjos sem asas, espíritos errantes, almas penadas ou uma raça em delinquência? Éramos

perfeitos e por que a história humana em processo diacrônico tem mostrado um sempre erro de nossos comportamentos.

Com esses questionamentos, termino aqui com a análise de dados particulares dos versículos bíblicos acerca do homem **criado** e **formado**, segundo o Criacionismo. A partir de agora a análise de dados será pelo viés da intertextualidade na (re) criação humana na possível elucidação de “quem somos nós”. Continuarei utilizando o recurso dos implícitos da semântica argumentativa em sentido de um todo textual e não mais o particular, versículo por versículo, para que se alcance o objetivo deste trabalho de reciclar os valores humanos.

4.1.2 Segunda parte

4.1.2.1 Pressuposto e subentendido em um olhar de conjunto textual e Intertextualidade

Cabe eu retomar, nesta subseção, que em minha análise, postulei que o homem é imagem e semelhança de Deus, segundo a bíblia e, reforcei, através das ciências, a possibilidade desta confirmar as escrituras sagradas. Assim, os implícitos são essenciais na coerência textual. Vejamos:

POSTOS:

- **“Eu disse: todos vós sois deuses e filhos do Altíssimo.”** (Salmos 82, 6, BÍBLIA SAGRADA, 1982)
- **“[...] façamos o homem à nossa imagem e segundo a nossa semelhança.”** (Gênesis 1, 26 BÍBLIA SAGRADA, 1982)
- **“Deus criou o homem à sua imagem [...]”** (Gênesis 1, 27 BÍBLIA SAGRADA, 1982).

PRESSUPOSTO: Deus e o homem são unigênitos!

Entendo que numa visão de conjuntura textual dos versículos postos que, por pressuposto, o homem é semelhante a Deus. Ser semelhante pode ser apenas ter aparência, mas não eu, tampouco a bíblia, não falamos de estética, de fisionomia, de imagem, e sim, do **Ser. Então o homem é Deus**, por pressuposto. “[...] um texto se baseia numa informação colocada que converte depois em pressuposto. Na

ausência desta, teríamos apenas uma série de enunciados sem vínculos ou a repetição indefinida da mesma coisa. Os pressupostos são assim pré-construídos, construídos anteriormente ao enunciado.” Conforme Maingueneau (1996, p. 100). A genialidade de se poder trabalhar interpretação de textos através dos implícitos e intertextualidade nos poupa de muitos discursos retóricos. As informações do texto revela que o homem é perfeito, luz, santo etc. Assim, por pressuposto, o homem é Deus. Fato este que a intertextualidade pode provar:

- **“Sede perfeito, portanto, como vosso Pai celestial.”** (Mateus 5, 48, BÍBLIA SAGRADA, 1982).
- **“Sede santo porque eu sou Santo!”** (I Pedro 1, 16, BÍBLIA SAGRADA 1982).
- **“[...] Deus é luz [...]!”** (I João 1, 6, BÍBLIA SAGRADA, 1982).
- **“Vós sois a luz do mundo [...]!”** (Mt 5, 14, BÍBLIA SAGRADA, 1982).
- **“Deus é espírito [...]”** (João 4, 24, BÍBLIA SAGRADA, 1982).
- **“[...] mas quem nasce do espírito, é espírito”** (João 3, 6, BÍBLIA SAGRADA, 1982).
- **“Quanto mais não nos devemos submeter ao Pai dos espíritos a fim de vivermos?”** (Hebreus 12, 10, BÍBLIA SAGRADA, 1982).

Assim, nestes vários intertextos, pode-se creditar que o homem **é divino, é deus**, sem ser o próprio Deus, mas dEle faz parte. É como seria, metaforicamente, Deus é o telhado e cada ser humano, uma telha, e juntos, um só telhado. Já disse neste trabalho que o subentendido se explica pelo processo interpretativo do qual ele provém, segundo Ducrot (1987, p. 32). O verbo “sede” é da segunda pessoa do plural do caso Imperativo na conjugação, portanto, é uma frase imperativa. Pode ser uma ordem de que sejamos algo ou uma contingência favorável. No caso, “sede perfeito” e “sede santo” é uma causa imperativa e seguida de efeitos: “como vosso Pai celestial” e “porque sou santo”, respectivamente. Esta causa, “ser algo” porque efetivamente o seu causador o é, dá a entender a famosa questão filosófica: “nihil ex nihil” (do nada, nada se faz). “Sede perfeito, portanto, como vosso pai celestial”, pressupõe que o homem não é perfeito, mas pode vir a sê-lo. Há uma capacidade nele de se tornar perfeito, não por um milagre a ser realizado, pois ele já é perfeito

latentemente, isto é, em estado letárgico, dormente, não desperto. O homem é perfeito e santo em estado dormente, isto é, não acordado; em estado potencial de vir a ser o que já é, todavia, inerte.

O homem precisa ser perfeito, santo, como seu criador porque ambos são um. Deus é luz e o homem também é luz do mundo. É preciso que o homem faça brilhar sua luz diante dos outros para iluminar a quem é ainda luz fosca. Um pode ter a luz do sol, outra a da lua, um outro, luz de cometa, de meteoro, de estrelas. A luz dos homens são os atos incondicionais de amor. É o altruísmo, é o dar-se sem nada querer em troca. Tudo é comércio para o homem porque este não se volta à sua origem celestial, perfeita, santa, porque a alma e o espírito estão embriagados do torpor da materialidade corpórea e dos aparatos materiais do mundo. O homem é espírito afogado na erótica da carne e só vive os gozos terrenos. Quem nasce do espírito é espírito e assim é necessário ao homem despertar-se por sua essência interior, o espírito. O corpo de carne e osso não é uma jaula que prende o animal homem, mas um veículo do espírito para andar na terra, e este veículo manifesta o homem que está dentro dele.

Então o homem é pressupostamente Deus e estava com Ele outrora nas moradas celestiais em glória e que um dia veio habitar esta terra como afirma a escritura como comprova estes intertextos:

- **“Pai dai-me a glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse”** (João 17, 5, BÍBLIA SAGRADA, 1982)
- **“Assim, antes da constituição do mundo nos escolheu [...]”** (Efésios 1, 1, BÍBLIA SAGRADA, 1982)
- **“[...], ou antes, por ter sido bom, vim a um corpo sem mancha”** (Sabedoria 8, 20. BÍBLIA SAGRADA, 1982).
- **“13 [...] confessando-se peregrinos e hóspedes na terra. 14 [...] mas desejam outra pátria melhor, isto é, a pátria celeste.”** (Hebreus 11,13-14, BÍBLIA SAGRADA, 1982).
- **“Dei-lhes tua palavra e o mundo os odiou porque não são do mundo como também eu não sou do mundo”.** (João 17, 14, BÍBLIA SAGRADA, 1982).

- **“Se fosseis do mundo, o mundo vos amaria como seus [...].”** (João 15, 19, BÍBLIA SAGRADA, 1982).
- **“Nós, porém, somos cidadãos dos céus.”** (Filipenses 3, 20, BÍBLIA SAGRADA, 1982).

Vejamos:

Um dos aspectos mais intrigantes da leitura de um texto é a verificação de que ele pode dizer coisas que parece não estar dizendo: além das informações explicitamente anunciadas, existem outras que ficam subentendidas ou pressupostas. Para realizar uma leitura eficiente, o leitor deve captar tanto os dados explícitos quanto os implícitos. (SAVIOLI; FIORIN, 2000, p. 241).

Pode-se observar que o pressuposto textual desses intertextos, o homem é deus provindo de um Deus. Não é uma criatura deste mundo, mas que veio morar aqui. Este sentimento de pátria celeste, de ter sido bom e mereceu vir em um corpo bom e confessar que é peregrino aqui na terra, sendo apenas um hóspede neste planeta, pressupõe-se que este ser seja um alienígena, um morador de uma das casas celestiais: **“Na casa do Pai há muitas moradas [...]”** (João 14, 2. BÍBLIA SAGRADA 1982).

Até os dias de hoje, o homem não conhece ninguém que esteve em outras moradas e que conseguiu provar, irrefutavelmente, esta estadia em outros mundos. Há muitos relatos de pessoas abduzidas no mundo, mas não apareceu nenhuma prova contundente disto, ao menos em minhas pesquisas não consegui nada comprobatório com aval científico. Pode-se entender que por pressuposto, segundo o posto, o homem não é deste mundo. Ele não é somente um cidadão dos céus, ele também é eterno, de acordo com estes intertextos:

- **“9 Quando abriu o quinto selo, vi debaixo do altar, com vida, os que tinham sido degolados por causa da palavra de Deus e do testemunho que guardavam. 10 Clamavam a grande vozes, dizendo: até quando, Senhor, santo e verdadeiro, ficaras sem fazer justiça e sem vingar nosso sangue contra os habitantes da terra?”** (Apocalipse 6, 9-10, BÍBLIA SAGRADA, 1982).
- **“[...] Sofreu a morte em sua carne, mas voltou à vida pelo espírito. 19 E neste mesmo Espírito, foi pregar aos espíritos que estavam na prisão,**

20 rebeldes outrora, quando nos dias de Noé os esperava a paciência de Deus”. (I Pedro 3, 19-20, BÍBLIA SAGRADA, 1982)

- **“Pois, para isso foi anunciado a boa nova aos mortos, a fim de que, julgados como homens na carne, vivam segundo Deus no espírito.”** (I Pedro 4, 6, BÍBLIA SAGRADA, 1982).

Assim, por pressuposto, o homem é tal qual seu criador, é eterno. Neste conjunto de intertextos pressupõe-se esta eternidade por ser anunciado o evangelho (boa novas) aos mortos que estavam debaixo do altar de Deus desejando vingança por sua morte material (corporal) na terra; também os mortos, quando do dilúvio na era do Noé, estavam vivos em espíritos numa prisão celestial (morada inferior) e o Cristo, em espírito, depois de morto, porque fora assassinado, foi-lhes anunciar a salvação naquela prisão. Ao fazer leitura destes trechos, poder-se-á acreditar na vida após a morte, isto é, o homem é eterno em sua essência, o que morre é apenas o corpo. Não estou criando dogma ou doutrina, e sim, valores que possam causar introspecção ao leitor de se repensar, se reciclar como **ser em si mesmo**.

SUBENTENDIDO TEXTUAL: o homem é um Deus latente: perfectível, santificável.

Quanto ao subentendido, relembro Ducrot (1987, p. 32), que a caracterização deste é o fato de, embora observável na frase, não está marcado nela. Aqui, por este olhar de conjunto dos intertextos: por que o homem erra tanto ao longo de sua vida, se ele é divino, perfeito, imagem e semelhança de seu Pai? A questão está em o homem atual tomar consciência desta deidade de outrora. Desde que ele busca sua identidade como ser humano, ele se envolve com as ciências, a religião, a filosofia e tenta compreender-se, isto é, o homem é um ser ao espelho e sempre ver sua própria imagem. Tudo aquilo que ele conhece é provindo do mundo exterior para dentro de si e processado cognitivamente através dos sentidos dando-lhe interação com o meio onde vive e ao qual faz juízo de valor: “Não é o que entra pela boca que torna o homem impuro, mas o que sai.” (Mateus 15, 1. BÍBLIA SAGRADA, 1982). Neste intertexto, subentende-se que o mundo é “formatado” dentro do homem através daquilo que seus sentidos processam, e este mundo, tornar-se-á bom ou ruim com a interação entre ambos. É a integração do homem consigo mesmo que o torna um ser bom ou ruim e esta bondade e maldade será manifestada no ambiente em que ele vive. Causa e efeito.

A perfeição divina humana começou arruinar-se quando o homem desejou experimentar sua própria natureza corpórea, ou seja, do seu corpo etéreo, o metafórico jardim de Éden. Corpo este, magistralmente paradisíaco, morada do Espírito (Adão) e da Alma (Eva) formado do pó estelar. Nesta magia interpretativa que o subentendido propõe, não foi preciso eu inventar este corpo, mas trazê-lo pela intertextualidade:

- **“E há corpos celestes e corpos terrestres, e um é o resplendor dos corpos celestes e outro o dos terrestres.”** (I Coríntios 15, 40, BÍBLIA SAGRADA, 1982.)
- **“A carne não se sujeita as leis de Deus”** (Romanos 8, 15, BÍBLIA SAGRADA, 1982).
- **“Porque a carne tem tendências contrárias ao desejo do espírito e o espírito possui desejos contrários às tendências da carne.”** (Gálatas 5, 17, BÍBLIA SAGRADA, 1982).

Assim, como já escrevi neste trabalho, e cabe ressaltar, Ducrot (1987, p. 32) que postula o subentendido como processo interpretativo do enunciado do qual ele provém. Portanto, trago esta explicação tocante ao declínio da perfeição do homem quando este se sujeitou à sua natureza corpórea celestial. Tanto o espírito (Adão), como a alma (Eva) não deveriam ter sucumbido aos desejos da carne, ou seja, deste corpo. O espírito e a alma tinham que servir-se do corpo celeste e dominá-lo e não deixar dominar-se por ele. Tinham que sujeitar o corpo às suas naturezas espirituais, mesmo que este corpo fosse etéreo, sublime. Ambos viviam em corpos perfeitos para o estado perfeito do espírito e da alma. O resplendor, ou seja, a natureza dos corpos celestes e os da terra são diferentes. Ambos seguem leis cósmicas. Estas leis não são como as leis civis dos homens, mas a que regem o universo em harmonia. Se o homem tinha a capacidade de dominar este corpo, o que o levou a desarmonizar-se com ele? O corpo é apenas veículo das transitórias manifestações do espírito e da alma e nunca essência da sua existência.

Como se pode ver, o homem sabia de antemão em sua encubação cósmica perfeita, destes desejos contrários entre o corpo e o espírito, e o que poderia ter acontecido? Quem perturbou esta harmonia entre o espírito, a alma e o corpo?

4.1.2.2 Introspecção prescrutativa subentendida

“A serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus tinha feito. E ela disse à mulher: “É verdade que Deus vos disse: “Não comais de nenhuma das árvores do jardim?” (Gênesis 2, 2. BÍBLIA SAGRADA, 1982).

A proibição foi dada ao espírito (Adão) e não à alma (Eva). Como são da mesma natureza, ela também se sentia proibida de comer da árvore do bem e do mal. Deus é a consciência cósmica deles e que censura os seus atos. A serpente subentendo que seja o cognoscível do homem, isto é, a capacidade de aprendizagem e apreensão; o inato do homem de hoje. Quando em sua vida pré-hominal, ele sabia de tudo e viu tudo ser criado e estava junto do criador quando tudo foi criado; foi cooperador nomeando a tudo que passava a existir. A serpente é a capacidade de criar e dar valores às coisas pré-existentes, ela é perscrutadora, intuitiva, adivinhadora, indutora. A serpente é a inteligência. A inteligência inquire a alma se eles não podem comer das árvores do jardim, ou seja, usufruir de sua natureza corpórea.

“E a mulher respondeu à serpente: “Do fruto das árvores do jardim, podemos comer. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, deus disse ‘não comais dele, nem se quer o toqueis, do contrário morrereis’.”(Gênesis 2, 3. BÍBLIA SAGRADA, 1982).

A alma respondeu: “podemos comer dos frutos das árvores do jardim.” Podemos comer da natureza corpórea. A árvore do meio do jardim, subentendo que seja o **emotivo**, aquilo que move o espírito e a alma em ações e o fruto que esta árvore produz é a **sensibilidade**. A emotividade sensória da alma conduz à sensibilidade corpórea, e isto pode ser um bem ou um mal. Esta ousadia em interpretar a serpente e a árvore do bem e do mal, tem respaldo em Savioli e Fiorin (2000, p. 244) que postula: “[...] o subentendido é de responsabilidade do ouvinte, pois o falante, ao subentender, esconde-se por trás do sentido literal das palavras e pode dizer que não estava querendo dizer o que o ouvinte depreendeu.” Sim, o falante, a Bíblia pode ter escondido realidades que somente ela perscruta, e eu, o ouvinte, perscruto através de meus conhecimentos prévios explicações sobre a serpente e a árvore do bem e do mal, assim como ao espírito e a alma, dando-lhes nova perspectiva interpretativa. Esta é a maravilhosa capacidade de interpretação

de um conhecedor das intertextualidades e da maestria de se trabalhar com os implícitos da Semântica Argumentativa. Cabe ao leitor fazer as inferências para uma competência comunicativa.

“A serpente replicou à mulher: ‘De modo algum morreréis.’ (Gênesis 3, 4. BÍBLIA SAGRADA, 1982).

A inteligência sabia que eles não morreriam. Conhecia muito bem o que poderia acontecer, sabia de tudo, fazia parte da natureza de Deus e de sua Onisciência e vivia em glória. Todavia, o excesso de sabedoria não é garantia de incorruptibilidade. A serpente não falava da morte física.

“É que Deus sabe: no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal.” (Gênesis 3, 5. BÍBLIA SAGRADA, 1982).

A inteligência vai lhes conduzindo à introspecção perscrutativa: “seus olhos se abrirão”, isto é, enxergarão o que passa agora despercebido, porque eles ainda não enxergavam com os olhos dos sentidos carnis e conheciam somente o bem, tudo lhes era puro. Até então tudo era bom, que mal poderia existir? Tudo era perfeito! “Seus olhos abrirão”, quer dizer, tomarão consciência das coisas. Portanto, se eram perfeitos, o que levou o homem a perder seu estado de glória?

4.1.2.3 Queda do estado divino ou despertar da consciência humana?

“A mulher notou que era tentador comer da árvore, pois era atraente aos olhos e desejável para se alcançar inteligência. Colheu o fruto, comeu e deu também ao marido, que estava junto, e ele comeu.” (Gênesis 3, 6. BÍBLIA SAGRADA, 1982).

É a alma a susceptível a essa nova experiência por ser mais tênue aos sentidos corporais. Ao olhar a árvore, contemplar o seu fruto, a alma conhecedora do universo e suas nuances perscruta outra natureza que lhe é proibida. Ela quer descobrir o corpo, experimentá-lo, alcançar inteligência, ou seja, aprender por si mesma, por inatismo, ela quer cientificar-se do proibido fruto. É como afirma Kaplan (1990, p. 91) apud La Rosa (2007, p.26), “A aprendizagem pode ser definida como uma mudança no comportamento que resulta tanto da prática quanto da experiência anteriores.” Ao tomar o fruto a alma começou a comportar-se de maneira carnal, e não espiritual. Seus olhos viram que a árvore e o fruto eram atraentes, começou

discernir o belo; o fruto parecia saboroso ao paladar, despertou o sentido do paladar; a árvore era desejável para se obter conhecimento e a alma sensória desejou conhecer o mundo físico, corporal e comeu do fruto da árvore, isto é, experimentou a sensibilidade. Como postula Orlandi (2006. s.p): “O implícito consiste naquilo que não está dito e que também está significando. O que não está dito, mas que, de certa forma, sustenta o que está dito”. Minha interpretação do subentendido vem de encontro à busca de uma nova reinterpretação dos valores arbitrários da religião, cujo objetivo é reciclar o homem.

“Abriram-se os olhos de ambos, e viram que estavam nus; Teceram com folhas de figueira tangas para si.” (Gênesis 3, 7. BÍBLIA SAGRADA, 1982).

Seus olhos se abriram para outro universo, o da matéria. Eles que viviam sua deidade sem discernirem o certo ou errado, pois tudo era perfeito e agora descobriram que estavam nus da perfeição cósmica, espiritual. Eram agora seres perfectíveis e não mais perfeitos. O casal agora precisava de lenitivos para explicar seu atual estado corpóreo, sua nova natureza a qual aprenderam. Comeu do fruto proibido, a sensibilidade. Alimentou-se da árvore da emotividade, seguindo a inteligência. Esse ato gerou o livre-arbítrio. Agora seguirá seu próprio juízo. Percebeu que ficou nu do seu estado primeiro. Por cobiçar o fruto proibido tomou consciência de sua individualização. Esta tanga de figueira são os subterfúgios religiosos, os quais o homem veste para esconder sua nudez da essência divina. Cito Moura (2007, p. 33): “saber ler um texto é fazer as inferências corretas ou plausíveis que cada trecho propicia. Algumas destas inferências permanecem ao longo do texto, outras são anuladas no decorrer da leitura”.

“8 Ouvindo o ruído do Senhor Deus, que passeava pelo jardim à brisa da tarde, o homem e a mulher se esconderam do senhor Deus no meio do arvoredo do jardim. 9 Mas o Senhor Deus chamou o homem dizendo: ‘Onde estás?10 E este respondeu: ‘Ouvi teus passos no jardim, Fiquei com medo porque estava nu, e me escondi’. Disse lhe Deus: ‘E quem te disse que estavas nu? Então comeste da árvore cujo fruto te proibi comer?’ 12 E o homem disse: ‘A mulher que me deste por companheira, foi ela que me fez provar do fruto da árvore, e eu comi’. Disse pois, o Senhor Deus à mulher: ‘Por que fizeste isso?’ E a mulher respondeu: ‘ A serpente me enganou e eu comi’. (Gênesis 3, 8-12. BÍBLIASAGRADA 1982). Esta é a causa dos sofrimentos do homem: desobediência. O homem perfeito perde sua essência ao dar ouvido à sua alma sensória e esta cai

de sua glória celestial psíquica ao dar ouvido a inteligência perscrutadora, a serpente intuitiva. Comeram do fruto proibido e descobriram a sensibilidade corpórea: um bem e um mal. O homem esconde de sua consciência divina atrás do arvoredo dos sentidos corporais. A consciência divina sempre chama ao homem, mas este tem medo do invisível, isto é, daquilo que lhe escapa aos sentidos do corpo. Pobre homem que sempre culpa a mulher, sua alma. A mulher tem levado a culpa de todos os males da vida do homem. Não somente na bíblia, mas em muitas sociedades religiosas no mundo, a mulher é sempre vista com agouros. Com que razão digo isso neste trabalho? Por experiência de leitor da vida e não somente de livros. Como afirma Moura (2007, p. 34): “um bom leitor é formado a partir de uma prática consciente e não-automática. “Mas esse conhecimento semântico, que ancora nosso uso da linguagem, pode e deve ser utilizado na leitura de textos, desde que convertido num saber mais ou menos consciente”.

Se a bíblia é usada para ensinamentos religiosos, eu a enxergo como material didático para o ensino básico em linguagem acessível para a faculdade da vida. A maturidade leitora provém da percepção dos implícitos nos trechos dos livros que pode e deve conduzir a reflexão da vida e do Ser no mundo. Cabe anunciar aqui Souza, Pasinato e Wayhs (2011, s.p): “A fluência na leitura das pressuposições e subentendidos proporciona uma certa malícia ao leitor diante do texto, pois ele se torna apto a perceber as influências dos locutores e o que estão tentando impor a ele”. Uma visão de subentendido em relação à mulher que fez cair o homem, segundo a bíblia, em se tratando de alma (a mulher/Eva) e espírito (homem/Adão), talvez não tivéssemos tantos crimes contra as mulheres nos países do mundo.

4.1.2.4 Punição ao homem ou autoflagelo?

“E o Senhor Deus disse à serpente: ‘Porque fizeste isso, serás maldita entre todos os animais domésticos e entre todos os animais selvagens! Rastejará sobre o ventre, e comerás pó todos os dias da vida.’” (Gênesis 3, 14. BÍBLIA SAGRADA, 1982).

A serpente, a inteligência, agora rastejará sobre o próprio ventre, isto é, rastejará sobre a materialidade. O mundo espiritual se esvairá e o homem será voltado à carnalidade, ao mundo físico. Sua inteligência o impulsionará somente ao mundo telúrico e seus aparatos. A inteligência se tornou maldita entre todos os

rebanhos domésticos, ou seja, a ciência cósmica, a sabedoria do alto, inequívoca; e também maldita entre os animais selvagens, isto é, a sabedoria mundana voltada sempre para o mal. A inteligência humana comerá o pó da materialidade e as ciências do homem o arrastará ao abismo da matéria e se findará a espiritualidade. Orlandi (2006. s.p) postula: “o que está suposto para que se entenda o que está dito”. Sim, nenhuma serpente come pó, uma vez dito como subentendido que a serpente é a inteligência, então este rastejar sobre o próprio ventre é a inteligência servindo a si mesma, seu próprio ego e comendo o pó de seus interesses materiais.

“Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e os descendentes dela; Eles te ferirão a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.” (Gênesis 3, 15. BÍBLIA SAGRADA, 1982).

A inteligência se torna inimiga da alma, ela que deveria ser sua companheira nas coisas universais, a conduz às coisas materiais e nessa materialidade, os descendentes da inteligência morderão o calcanhar dos remanescentes da sabedoria do alto, da inteligência inata. A inteligência telúrica é a ciência dos homens que a tudo tem que experimentar e comprovar em laboratórios da vida em seus estudos racionais. Embora o espírito (Adão) obediente ao desejo da alma sucumbida pela serpente, restou alguns remanescentes que mesmo mastigando o fruto proibido, não o deglutiou por inteiro e permanecem nos prólogos da faculdade cósmica, chamados de iniciados ou iluminados. Assim persiste a guerra entre ciências e religião, duas testemunhas cósmicas mal vestidas. Orlandi (2006. s.p) destaca: “aquilo a que está dito se opõe”. Se o pressuposto é que o homem é perfeito, santo, aqui o subentendido se opõe: o homem não é perfeito, mas perfectível e não é santo, mas santificável. A inimizade entre a inteligência e a alma (mulher) é o dilema humano: inteligência x psique. O poder criador x o emotivo. O homem pelo o emotivo de querer encurtar as distâncias inventou o avião pela inteligência e por emotivo e inteligência planejou usar o avião e jogar bombas sobre os inimigos. Que bem e que mal. É bom inventar, criar, a inteligência é poderosa, mas pode ser destruidora ao usar o que inventa, e o que cria. A serpente morde o calcanhar da alma (induz o emotivo a práticas) e a alma deverá ferir a cabeça da serpente (censurar, dominar, equalizar os impulsos da serpente).

“Para a mulher, ele disse: ‘Multiplicarei os sofrimentos de tua gravidez. Entre dores dará à luz os filhos. A paixão arrastar-te-á para o marido, e ele te dominará.’” (Gênesis 3, 16. BÍBLIA SAGRADA, 1982).

“Sem sofrer o homem não aprende a amar”, diz uma canção. A alma sofre terrivelmente na caminhada rumo à perfeição perdida. Por ser perfectível, vive em busca do conhecimento esquecido, inato, e assim não ultrapassa de 10% de sua capacidade mental. La Rosa (2007, p.30) destaca que “Toda e qualquer aprendizagem, quer seja hábito, informação, conhecimento ou aprendizagens de sentimentos e emoções são importantes para a vida porque vão levar o indivíduo ao sentido de adequação e participação no meio”. A gravidez sofrida é aprendizagem dolorosa apreendida no processo de evolução histórico social. A gravidez é a aprendizagem, cujos filhos são os atos emotivos que ora tende-se ao espírito e ora ao corpo. O desejo da alma é para o seu “marido” espírito e ele deveria dominar esse desejo, mas não, tornou-se escravo da psique. Se ele dominasse sua alma, não sucumbiria aos prazeres do corpo ofertados por ela. O corpo é apenas sensível e por que é sensível? Porque sente, tem sensibilidade e por isso recebe facilmente as sensações externas. O corpo sede dos sentidos é suscetível, passível de receber modificações ou de sofrer ações provindas da alma e daí a unidade psicossomática: *psique* (do grego) alma e soma (do grego) corpo. O veículo da alma é o corpo, o jardim paradisíaco com os rios dos cinco sentidos, essa fonte de água viva que nos eterniza, mas cujas águas se enlamearam do barro corruptível da inteligência humana. A alma que é sensória, ou seja, própria para transmitir sensações, come o fruto da sensibilidade da árvore do bem e do mal que está no corpo e se desperta para o prazer que é o corpo sensível, que sente sensações. Se não bastasse ela cair em tentação por sua própria cobiça inteligente, seu marido espírito, que é sensitivo, isto é, tem a faculdade de sentir, degusta destes desejos de sua mulher. E assim, tanto a alma e o espírito experimentam o jardim em delícia, o Éden corporal. “A carne é fraca, mas o espírito está pronto.” (Mateus 26, 41, BÍBLIA SAGRADA, 1982). Quando o homem se despertará à essa “prontidão”?

“Para o homem Ele disse: Porque ouviste a voz da mulher e comeste da árvore, cujo fruto te proibi comer, amaldiçoada será a terra por tua causa; com fadiga tirarás dela o alimento durante toda a tua vida.” (Gênesis 3, 17. BÍBLIA SAGRADA, 1982).

Por ter dado ouvido a sua alma, o homem que é essencialmente espírito, torna maldita a sua matéria, o corpo, esse invólucro de poeira estelar, essa energia condensada. Viverá as urdiduras corporais em suas necessidades básicas de existência e sobrevivência. Nesse preâmbulo, Rodrigues (1976, p.177) apud La Rosa (2007, p.29) afirma: “Viver é uma mutação contínua e o homem, como agente de sua existência, é um ser em movimento e adaptação permanente às múltiplas mudanças de seu ser, sua história, seu ambiente”.

“Produzirá para ti espinhos e abrolhos e tu comerás das ervas do campo.” (Gênesis 3, 18. BÍBLIA SAGRADA, 2011).

A matéria corporal lhe dará ervas daninhas, ou seja, lhe será empecilho no caminho evolutivo. Sem esta resistência, o espírito, não pode evoluir. Deve deixar as imperfeições, mas para isso é necessário despojamentos e adquirir conhecimentos espirituais para não sucumbir a uma vida puramente animal. Terá que se alimentar das plantas do campo, ou melhor, das sabedorias materiais, das ciências humanas e das espiritualidades. Seu cérebro é uma rede infinita de capacidades, porém usa apenas 10% dessas capacidades e o homem é um grande desconhecedor de si mesmo. O campo está cheio de saberes, mas permanecem latentes em sua preguiça letárgica da busca por autoconhecimento. Recorro ainda a Orlandi (2006, s.p): “outras maneiras diferentes de dizer o que se disse e que significa com nuances distintasetc”. Quer dizer, o subentendido com outros modos de dizer o que diz o pressuposto, com significados recheados de nuances interpretativas daquilo que deve ser coerente ao dito.

“Comerás o pão com o suor do rosto até voltares à terra, donde foste tirado. Pois tu és pó e ao pó hás de voltar.” (Gênesis 3, 19. BÍBLIA SAGRADA, 1982).

Comer o pão dos seus esforços, a busca de conhecimentos que o leva à terra original, o pó de suas primícias de onde um dia saiu. La Rosa (2007, p.28) aponta que:

As aprendizagens vão acontecer em função das necessidades do indivíduo; estas tendem a gerar um desequilíbrio, fazendo com que imediatamente surjam motivos; por motivos entenda-se a energia impulsora, tensional que dispõe o indivíduo “à busca de”. Após os motivos, o indivíduo entra em motivação, que seria nada mais que a ação ou o comportamento desencadeado em busca do objetivo.

A motivação deveria ser, voltarmos à casa do Pai, local de onde saiu: a casa de seu Criador. Este, até “que volte”, são os ciclos das encarnações e desencarnações existenciais. O homem não sairá desse ciclo até que se desapegue de toda materialidade cujo estigma o mantém preso a esse planeta. Deve voltar ao pó original, mas as imperfeições dessa vida telúrica o mantém encarcerado pelos vícios, ódios, rancores, desamores, violência, perfídias, porfias, traições, inveja, ciúmes doentios, corrupção, fraudes...

4.1.2.5 Degredados filhos de Eva, geração psicossomática

“O homem chamou a mulher “Eva” porque ela se tornou a mãe de todos os viventes.” (Gênesis 3, 20. BÍBLIA SAGRADA, 1982).

A alma recebe o nome de Eva, que significa vida. Infelizmente, o homem vive nesse estágio de alma e corpo, apenas. A alma é o alento para o corpo e, sem ela, ele morre ou com a morte corporal ela se vai para outra dimensão? A trindade humana: espírito, alma e corpo ainda passam despercebidos para toda a humanidade. No estágio atual, sempre se fala: nosso espírito, nossa alma, nosso corpo; então quem somos nós, se é usado o pronome possessivo “nosso”? Se tivermos um espírito, uma alma e um corpo, quem somos nós que “temos” estes três “seres”? Na realidade, a alma é a vida, nossa vida. Somos a geração psíquica, a Eva mãe de toda a humanidade.

“E o Senhor Deus fez para o homem e a mulher túnicas de pele e os vestiu.” (Gênesis 3, 21. BÍBLIA SAGRADA, 2011).

Até aqui, o homem adâmico que vivia no gozo primordial de sua existência, com a sua queda, passou para a vida material, ou seja, se encarnou em um corpo de carne e osso. Surgiu na terra na sexta era e evoluiu paulatinamente até se tornar no homem atual: *homo sapiens sapiens*. Essas vestes de pele é o seu corpo atual. O corpo etéreo se materializou e a alma e espírito que somos, em estado fluídico, se encarna em corpo terreno.

“E o Senhor Deus disse: ‘Eis que o homem se tornou como um de nós, capaz de conhecer o bem e o mal.’ [...]” (Gênesis 3, 22. BÍBLIA SAGRADA, 2011).

No versículo 26 e 27, do capítulo um, aponta que o homem foi criado imagem e semelhança de Deus e agora neste versículo postula que ele se tornou como

Deus, conhecedor do bem e do mal. Quando antes de comer da árvore do bem e do mal, ele não concebia, não diferenciava essa dualidade bem e mal. Tudo era bom, e não sabia o que era o bem. Esta natureza, “bom” é o todo e não a parte. O homem quando se encarnou, perdeu o todo, se sentiu parte deste sem o ser. Era um todo macrocosmo, e agora é um ser, individual, microcosmo. É materialmente e espiritualmente conhecedor do bem e do mal. É igual a Deus, mas o tornou sua imagem e semelhança.

“E o Senhor deus o mandou para fora do jardim de Éden, a fim de cultivar o solo de que fora tirado.” (Gênesis 3, 23. BÍBLIA SAGRADA, 2011).

O homem somos nós: eu, você, ele, nós, vós eles. Fomos expulsos do estado paradisíaco espírito, alma e corpo, por nossa própria natureza de cobiçar. Tendo o livre-arbítrio de escolher o mal e o bem, tendo discernimento do certo e o errado desenvolveu-se em nós o ego. Vivemos em choque com a nossa realidade. Através do Ego, decidimos se vamos em frente ou não nas decisões a serem tomadas. Agora temos que cultivar o solo do qual fomos tomados, nossa espiritualidade. Assim, criamos religiões que nos conduziram ao solo das delícias primordiais e fracassamos terrivelmente, pois o que leva o homem a Deus não é a religião, mas o despertamento de sua consciência do Ser divino.

Com estes quatro últimos versículos (postos), termino a análise de dados citando Ducrot (1987, p. 41): “[...] a pressuposição é parte integrante do sentido dos enunciados. O subentendido, por sua vez, diz respeito à maneira pela qual esse sentido deve ser decifrado pelo o destinatário”. Portanto, cabe ao leitor deste presente estudo, com os seus conhecimentos prévios, concordar ou não, acrescentar e/ou excluir reverências sobre este assunto elucidado, pois o subentendido é a capacidade interpretativa daquilo que o leitor absorve no ato de leitura. A seguir, apresentarei as considerações finais deste trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para responder à pergunta “Quem somos nós?”, recorri, como corpus, aos versículos do antigo e novo testamento da Bíblia, tendo como base teórica principal, para analisá-los, a Semântica Argumentativa ducrotiana, os marcadores linguísticos de pressuposição. A razão de eu ter usado a intertextualidade também se deu devido à dificuldade de, em apenas um posto, confirmar um sentido que nele se percebe. Assim, como é mister na bíblia, o dito de um versículo em determinado capítulo pode ser ou não comprovado em outro versículo de um outro capítulo. Isso confirma Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p. 30) ao salientar:

um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para, determinado sentido.

Então, o sentido metafísico também se fez necessário ao trabalho, uma vez que exigiu uma intertextualidade a qual utilizei. A concepção de texto adotada é a de Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p.30): **“o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele.”** (grifo meu).

Ao buscar o sentido metafísico para uma apoteótica recriação humana, usei os implícitos para elucidar o tema deste trabalho e, acerca do implícito, encontrei apoio na escritora supracitada que afirma: “Para se chegar às profundezas do implícito e dele extrair sentido, faz-se necessário o recurso aos vários sistemas de conhecimento e a ativação de processos e estratégias cognitivas e interacionais.” Eis a intertextualidade como recurso para um sentido de “quem somos nós”.

A intertextualidade que usei foi a implícita: “Tem-se a intertextualidade implícita quando se introduz, no próprio texto, intertexto alheio, sem qualquer menção explícita da fonte, com o objetivo quer de seguir-lhe a orientação argumentativa, quer de contraditá-lo, colocá-lo em questão, de ridicularizá-lo ou argumentar em sentido contrário.” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007, p. 30). Com a intertextualidade implícita, espera-se que o leitor possa reconhecer a presença do intertexto e sua colaboração em reafirmar o sentido que os implícitos propiciam e, daí, a presença de vários livros e versículos que se coadunam ao longo do trabalho

dentro de um mesmo sentido: a reciclagem dos valores humanos, a (re) criação humana; sua (re) descoberta.

É a ciência a única forma de conhecimento que fornece o poder da previsibilidade e da intervenção sobre quem somos nós? Acredito que não, por ela não ser onisciente. Nem sempre o uso da ciência para estudar a natureza humana responde satisfatoriamente a esta complexa magnitude do ser humano, porque ela acaba chegando a mistérios de outra ordem, cuja explicação com toda probabilidade está fora do alcance do método científico, como as coisas de ordem espiritual, por exemplo. Assim, este trabalho mesclou metafísica, quanto ao **ser** heideggeriano e a ciência para uma probabilidade inventiva elucidativa da gênese humana que possa causar uma reciclagem dos valores humanos. Assim, ao explorar cientificamente o tema “Quem somos nós?”, aprofundamos nossa relação com o desconhecido metafísico, e o que a religião professa, ao invés de destruí-lo, meu trabalho o transcendeu junto com a Filosofia metafísica, a Semântica Argumentativa e a Intertextualidade, ambos na perspectiva de uma possível (re) invenção humana.

Portanto, em consonância com Ducrot (1987, p. 42):

Dizer que pressuponho X, é dizer que pretendo obrigar o destinatário, por minha fala, a admitir X, sem por isso dar-lhe o direito de prosseguir o diálogo a propósito de X. O subentendido, ao contrário, diz respeito à maneira pela qual esse sentido é manifestado, o processo, ao término do qual deve-se descobrir a imagem que pretendo lhe dar de minha fala.

Assim, pode o leitor deste trabalho se (re) pensar o uso dos implícitos e a intertextualidade como ferramentas para a formação de leitores conscientes e críticos; refletir as entrelinhas e ler o que não foi dito, mas está implícito; e perceber o que é significativo para uma (re) interpretação.

Se se interpretar esta joia de Ducrot, como novas (re) leituras através dos implícitos e intertextualidade, o X seria “somos deuses” e assim ficaria: “dizer que pressuponho ‘somos deuses’, é dizer que pretendo obrigar o destinatário, por minha fala, a admitir que ‘somos deuses’, sem por isso dar-lhe o direito de prosseguir o diálogo a propósito de ‘sermos deuses’”. O subentendido, ao contrário, diz respeito à maneira pela qual esse sentido é manifestado (análise dos implícitos), o processo (a análise intertextual), ao término do qual deve-se descobrir a imagem (interpretação) que pretendo lhe dar de minha fala”. Portanto, esta é a máxima explicitação de como desenvolvi o trabalho. Foi uma pesquisa ardorosa, pois o ser humano é de uma

complexidade tamanha que para dar um laudo final, precisei de sapiência e maestria em utilizar uma linguagem que pudesse explicitar sem corromper a tridimensional essência humana, pois, pessoas não iniciadas, podem ter sua leitura corrompida por interpretações oriundas do conhecimento prévio de leitores não conhecedoras das teorias (LIMA; ROVAY, 2015).

A pergunta introspectiva “Quem somos nós?” me levou a indagações sobre o nosso passado: de onde viemos? Minha pesquisa me revelou que somos poeira das estrelas e, com respaldo bíblico, compreendi que somos formados do pó da matéria e que por interpretação subentendida somos energia condensada tridimensionalmente: espírito, alma e corpo. (Re)-inventando o homem como Adão espírito, a pesquisa me conduziu ao mundo original celestial, onde gozávamos de saberes plenos, e que pela inteligência (serpente) psíquica (alma), sucumbimos ao mundo material. Éramos deuses em um telhado cósmico e nos tornamos humanos como telhas soltas desse telhado colossal quando de nossas encarnações. Ao almejar comer da árvore proibida intentada pela inteligência, a alma (Eva) se despertava para as coisas além dela, isso é a aprendizagem adquirida. O desejo de conhecer o que estava fora da alma é o cognitismo de uma alma cognoscível, isto é, capaz de aprender e apreender. E ao interagir com o recém-conhecido, ela toma consciência de si mesma e percebe que é diferente das outras coisas. O *nu* é a consciência do eu e do outro, como postula Heidegger (1999, p. 22): “o Ser é sempre um ser de um ente”. Quando nos vestimos (tomamos consciência de nós) é por causa do outro que reconhecemos como tal e os nossos procedimentos são inerentes ao outro

Acredito que atingi o objetivo deste trabalho e consegui criar diálogos possíveis com a semântica argumentativa e a intertextualidade bíblica, para reciclar o homem; reciclá-lo em seu valor de **ser** no mundo, sua dimensão existencial, sua utilidade social; reestruturá-lo em seu relacionamento consigo mesmo e com os seus, com o ambiente em que vive. Creio que posso fazer, com este trabalho, que o leitor se redescubra como alguém necessário ao planeta através do despertar integral do seu ser, ou seja, um indivíduo consciente de sua holística existencial, isto é, social.

Penso que seja plausível a hipótese que detive de que o homem possa ser divino, potencialmente capaz de divinizar o mundo a partir da descoberta e conscientização de sua deidade, isto é, o reto agir consigo mesmo, com o outro,

com o mundo animado e inanimado pelo viés da sua tridimensionalidade: **espírito, alma e corpo**. Não vejo, hipoteticamente, impedimento de que este espírito seja o homem em sua essência; tampouco que seja o **Adão**, que habita um invólucro plasmático de sua própria natureza, a alma **Eva** e ambos, encarnados em um corpo material: o corpo humano, cognominado por mim de **Jardim de Éden**.

Assim, acredito que a minha pretensão de reciclagem humana, oportuniza ao homem uma nova visão de seu próprio Ser possibilitando o reto agir social, uma vez que os relacionamentos sociais têm sido cada vez mais violentos. Não obstante, justificando a necessidade de uma nova visão do homem de si mesmo, acredito que este trabalho seja uma proposta de relevância social para que o cidadão se reconheça não como obra do acaso, mas que está aqui nesse mundo por uma razão existencial, com missão altruísta de tornar a si mesmo e aos outros, potencialidades individuais de uma possível junção harmônica que viva em sociedades. Por ser aluno da humanas, penso que este ideal cabe ao mundo acadêmico, porque ele sim, acredito, deveria ser o maior reciclador de seres humanos por ter acesso ao conhecimento holístico.

Concluo este trabalho com Heidegger (1999, p. 22) que apela: “A metafísica é o fundamento em que edifica toda a civilização Ocidental. A tecnocracia desenfreada, o império da ciência, a estetificação da arte, fuga dos deuses, a massificação do homem, a organização planetária, a disposição da natureza, os estados totalitários, a despotencialização do espírito, todas as manifestações do mundo ocidental são criações e obras do predomínio da metafísica. O esquecimento do Ser não é um episódio da vida intelectual de filósofos. É o destino histórico da existência do Ocidente, cuja máxima virulência moderna constitui um apelo. O homem da Era Atômica, ator e vítima de uma Época sem memória para o Ser é constantemente provocado a recobrar essa memória, que lhe dará as forças para instaurar Um Novo Dia Histórico”.

Afinal, “quem somos nós”? Dir-lhes-ei, segundo minha síntese deste trabalho:

POSTO: Quem somos nós?

PRESSUPOSTO: Somos alguma coisa?

SUBENTENDIDO: Somos latentes deuses afogados na erótica da carne; vivendo em erros e acertos por pensamentos, atos, palavras e omissões; somos esquecidos do nosso Ser divino deleitados na luxúria da matéria; somos anjos enlameados no barro de carne, osso e sangue cujas asas perdemos ao

esquecermos o que essencialmente somos. Que cada um encontre a sua asa e o homem encontrar-se-á, e voará divinizando todo o universo, com tudo o que há nele, por ser um Ser divino. Daí, depois de cada materialização (encarnação), o homem por estigmas existenciais herdará seu céu ou inferno existencial e a cada encubação terá chances de se (re) inventar; de se (re) criar; de se (re) ciclar até que volte ao pó original de onde foi tomado: sua essência celestial semelhança e imagem de seu genitor. **“Aí cada um receberá segundo o que houver praticado pelo corpo, bem ou mal.”** (2 Coríntios 5, 10. BÍBLIA SAGRADA, 1982).

REFERÊNCIAS

ADAO. In: **Dicionário de nomes próprios [online]**. Disponível em:<<http://www.dicionariodenomespropios.com.br/adao/>>. Acesso em: 3 dez. 2015.

BARBISAN, Leci Borges. Semântica Argumentativa. In: FERRAREZI JUNIOR, Celso; BASSO Renato (Orgs.). Semântica, semânticas: uma introdução. São paulo, Contexto: 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/denisemoser/Downloads/semantica_semanticas_primeiro_capitulo.pdf>. Acesso em: 5 maio 2016.

BÍBLIA SAGRADA. 40 ed. São Paulo: Vozes; Santuário. 1982.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 2. ed., 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

COSMOLOGIA. In: DE CONCEPTOS [online], 2015. <<http://deconceptos.com/general/cosmologia>>. Acesso: 12 nov. 2015.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Revisão técnica de tradução Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.

ESPINOSA, Baruch. **Ética, tratado político**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

GARRET, Brian. **Metafísica**: conceito-chave em filosofia. Tradução de Felipe Rangel Elizalde. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GIRARDI, Giovana. Somos poeira de estrelas. **SuperInteressante**. Ed. 245a, nov. 2007. Disponível em: <super.abril.com.br/história/somos-poeira-de-estrelas>. Acesso em: 06 dez. 2015.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à metafísica**. Apresentação e tradução de Emmanuel Carneiro Leão. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

KOCH, Ingedore G. Villaça; Anna Christina Bentes; Cavalcante, Mônica Magalhães. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

LA ROSA, Jorge (Org.) **Psicologia e educação**: o significado do aprender; Berta WeilFerreira et al. 9. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. 230 p.

LIMA, Alcimar Alves de Souza; ROVAI, Esméria. **Escola como desejo e movimento**: novos paradigmas, novos olhares para a educação [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2015. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=kNKaCgAAQBAJ&pg=PA52&lpg=PA52&dq=somos+energia+condensada+e>>. Acesso em: 6 dez. 2015.

MACISAAC, Tara. Físico explica por que a alma pode existir. **Epoch Times em Ciência e Tecnologia - Além da ciência**. Disponível em: <<http://www.espiritismo.net/content,0,0,3622,0,0.html>>. Acesso em: 7 dez. 2015.

MAGALHÃES, Gonçalves. A Bíblia como obra literária: hermenêutica literária dos textos bíblicos em diálogo com a teologia. In: FERRAZ, S., et al.(Orgs). **Deuses em poéticas: estudos de literatura e teologia** [online]. Belém: UEPA; Campina Grande: EDUEPB, 2008. 364 p. ISBN 978-85-7879-010-3. Available from SciELO Books. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/pdkdq/pdf/ferraz-9788578791186-01.pdf>>. Acesso em: 6 dez. 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Pragmática para o discurso literário**. Tradução Marina Appenzeller e revisão da tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (coleção Leitura Crítica)

MENDES, Iba. O que é “Cosmogonia”. **Etimologista**, 21 fev. 2012. Disponível em: <<http://www.etimologista.com/2012/02/o-que-e-cosmogonia.html>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MOURA, H. M. de M. Leitura de textos e inferências. In: ESPÍNDOLA, L.; SOUZA, M. E. V. (orgs.). **O Texto: vários olhares, múltiplos sentidos**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007. p. 33-46.

SAVIOLI, F. P.; FIORIN, J. L. **Para entender o texto: leitura e redação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

SILVA, Severino Celestino da. **Analisando as traduções bíblicas: refletindo a essência da mensagem bíblica**. 4. ed. João Pessoa: Ideia, 2002.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Trad. Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

SOUZA, A. E.; PASINATTO, R.; WAYHS, M. O. O ato de pressupor e subentender: considerações sobre aspectos semânticos na leitura e compreensão dos sentidos do texto. In: **Linguasagem**. Edição 17- 2º semestre de 2011. Acesso em: 10 dez. 2015.

Termos-chave da Análise do Discurso. Tradução de Márcio Venício Barbosa e Maria Emilia Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1988.

VERÓN, E. **A produção do sentido**. Trad. Bras. Alceu Dias lima et al. São Paulo: Cultrix, 1980.